

# Como se Comporta o Povo de Deus em Sofrimento (Parte 2)

A exposição sobre submissão levou Pedro a estimular os crentes a demonstrarem respeito e obediência às autoridades civis, e a incitar os escravos a serem respeitosos e obedientes aos seus senhores. O sofrimento dos escravos, por sua vez, levou o apóstolo a refletir no sofrimento de Cristo. No capítulo 3 o apóstolo retoma o tema da submissão, desta vez referindo-se à submissão das esposas aos maridos. As admoestações aos escravos e às esposas eram no âmbito doméstico, mas a relação das esposas com os maridos não se comparava com a dos escravos com seus donos. Os vínculos emocionais e as convenções sociais estereotipadas para homens e mulheres intensificam a complexidade da relação marido/mulher.

## A SUBMISSÃO DA ESPOSA AO MARIDO (3:1-6)

<sup>1</sup>Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, <sup>2</sup>ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor. <sup>3</sup>Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; <sup>4</sup>seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. <sup>5</sup>Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido, <sup>6</sup>como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma.

**Versículo 1.** Pedro incentivou as **mulheres** a serem, **igualmente**, submissas ao seu **próprio marido**. Da mesma forma que todos os cristãos deveriam ser submissos às autoridades e os escravos, aos seus senhores, as mulheres deveriam se submeter aos [seus] maridos. Elas deveriam ser submissas em prol da ordem e da paz no lar. A implicação das palavras de Pedro é que Deus deu aos maridos a responsabilidade de liderar o lar. Afirmar a liderança do marido não é o mesmo que afirmar um governo autoritário e autocrático. É significativo que essas instruções de Pedro não têm como alvo o marido, e sim a esposa. Pedro não disse: “Maridos, controlem suas mulheres”, mas “Mulheres, sejam submissas ao seu próprio marido”. Submissão não é rebaixar-se espontaneamente. Sem que a esposa aceite espontaneamente a liderança do marido e sua consequente autoridade, ele não pode exercer a liderança – pelo menos não como um cristão.

A submissão não implica superioridade espiritual ou intelectual do homem sobre a mulher mais do que dos senhores sobre os escravos. A preocupação de Pedro é que os cristãos apóiem a interação social ordeira. Em toda relação social deve haver um grau de liderança e submissão, até num negócio ou numa sala de aula. O caos reina quando ninguém tem a responsabilidade nem a autoridade de agir. Pedro e Paulo (Efésios 5:22—6:4; Colossenses 3:18—21) foram unânimes ao incentivar o marido e pai de uma família cristã a aceitar a responsabilidade pelo bem-estar espiritual, emocional e material da família. Ambos argumentaram que a mulher deve apoiar o marido em seu papel de liderança.

No mundo antigo greco-romano, a expectativa de que as esposas se submetessem aos maridos estava mais enraizada na cultura do que está no mundo moderno ocidental. Na cultura ocidental

igualitária, a submissão baseada em um dos sexos tende a ser mais ofensiva do que era para os antigos. Geralmente é difícil para o leitor moderno determinar como ele deve aplicar as injunções bíblicas ao seu mundo contemporâneo, visto que estas visavam a sociedades cujas normas eram consideravelmente diferentes da sua. Não convém elaborarmos aqui um tratado sobre a questão, contudo devemos notar que o Novo Testamento não engessa seus leitores num determinado conjunto de estruturas sociais. A submissão não impede que marido e mulher discutam as questões familiares que funcionam em termos mutuamente satisfatórios. É fato que em alguns casamentos os dois cônjuges têm um temperamento enérgico. Nesses casos, o marido e a esposa competem entre si para ver qual vontade prevalece. Essa competição geralmente se segue por toda a vida ou até que aconteça o divórcio. Há outros casamentos em que nenhum dos cônjuges se dispõe a dar o primeiro passo, aceitar a responsabilidade e agir. A solução para esses problemas é que o marido tem a responsabilidade de liderança. Ele agrada a Deus quando a aceita.

Não devemos esquecer que o lar é o contexto da admoestação de Pedro. Não há implicações para o mundo dos negócios nem outras estruturas sociais. Quanto aos papéis do homem e da mulher na igreja, há outras passagens bíblicas que tratam dessa situação. Em 1 Coríntios 14:34 e 35 e 1 Timóteo 2:11 e 12 fica claro que Paulo esperava que os homens assumissem a liderança no ensino e na autoridade dentro da igreja. O lar e a igreja são instituições feitas por Deus e zeladas por Deus. Em ambas as instituições, Deus simplificou a liderança a este nível: Deus disse que Ele espera que os homens cristãos sejam o exemplo e guiem o caminho. Não há nada nessas palavras que implique superioridade espiritual, moral ou mental da parte de qualquer sexo. Nas relações fora do lar e da igreja, sejam sociais ou religiosas, não há distinção de masculino e feminino.

A admoestação de Pedro para que as esposas sejam submissas aos maridos não é uma afronta às mulheres, assim como não é a admoestação para que os empregados se submetam aos patrões ou para que os cidadãos obedeçam devidamente a lei constituída. Na cultura ocidental contemporânea, uma esposa pode ter um salário significativo, ocupar uma posição responsável no trabalho, ou pode realizar um trabalho braçal. Ela pode trabalhar em tempo integral dentro do lar ou cumprir a jornada

de oito horas como faz o seu marido. Independentemente dos demais papéis ou responsabilidades da mulher, Pedro roga que a mulher cristã anime e apoie o marido como o cabeça do lar. A admoestação é tão aplicável à mulher moderna quanto era para a antiga.

É verdade que alguns homens abusam ou abdicam de sua responsabilidade como marido e pai. Quando um marido é negligente, irresponsável ou cruel, a esposa cristã tem que oferecer à família alguma liderança espiritual. Quando o marido não é cristão e a esposa é, ela deve apoiar e incentivar toda bondade que ela encontrar nele, **para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa.** “Não obedece à palavra” é o mesmo que “não obedecem ao evangelho” (4:17). O marido nesse caso é indiferente ou hostil à mensagem de Cristo. Quando só a esposa era cristã, no mundo antigo sua posição já era precária. A expectativa era que a esposa seguisse a religião do marido, e não o inverso. Pedro queria que a esposa cristã servisse de exemplo para o marido através de seu comportamento tranquilo e tolerante. O cristão não ensina apenas por palavras, mas pelo comportamento.

Observemos que “seja ganho, sem palavra alguma” não se refere à Palavra de Deus. Pedro não estava dizendo que em alguns casos a “palavra” de Deus não faria parte da conversão do marido descrente. Ele disse que em alguns casos nenhuma palavra em particular ganharia o cônjuge descrente. Antes, a Palavra apoiada por um comportamento piedoso é que ganharia o incrédulo para Cristo. O marido ser “ganho” redundaria em glória a Cristo e, ao mesmo tempo, na salvação dele. Havia outras implicações no que Pedro disse. Era mais comum entre os leitores de Pedro as esposas serem crentes e os maridos não. Tudo indica que as esposas cristãs costumavam tentar ganhar seus maridos ensinando-lhes a Palavra. Quando o marido não era cristão, Pedro aprovava claramente que a esposa tomasse a iniciativa de ganhar o marido para Cristo.

Convém observar que as pessoas do mundo greco-romano que eram impotentes – ou pelo menos que tinham um poder mínimo (os pobres, as mulheres e os escravos) – proclamaram a mensagem do evangelho com tanto poder que ela acabou derrubando todos os deuses e filosofias rivais. O evangelho de Cristo continha a mensagem de que todas as pessoas eram iguais perante Deus. Uma consequência inevitável de servir a Jesus de Nazaré

é a convicção de que Deus deseja igualdade entre os seres humanos. Deus não faz acepção de pessoas e o Seu povo não deve jamais ser parcial (Tiago 2:1).

Nos séculos imediatamente consecutivos à era do Novo Testamento, o cristianismo atraiu críticos severos. Um deles, que viveu no segundo século, chamado Celso, escreveu um exaustivo volume condenando os cristãos. Com o tempo, a obra foi destruída e esquecida. Todavia, no terceiro século um cristão alexandrino do Egito, chamado Orígenes, escreveu uma refutação a Celso. Em sua resposta, Orígenes reproduziu tanto da obra de Celso que temos uma boa ideia do que ela dizia. Aqui está uma porção do que Celso escreveu:

Nas casas particulares também vemos trabalhadores de lã, sapateiros, lavadeiras e os camponeses mais iletrados e bucólicos, que não ousariam dizer uma palavra na frente de seus presbíteros e mestres mais inteligentes. Porém, sempre que se apossam de crianças secretamente juntamente com algumas mulheres estúpidas, deixam escapar algumas frases preocupantes como, por exemplo, que não devem prestar atenção aos seus pais e professores da escola, mas a eles obedecer; dizem que esses falam coisas sem sentido e não têm entendimento, e que na realidade não sabem nem são capazes de fazer coisa alguma, e são embalados por tagalericas vazias.<sup>1</sup>

Provavelmente não era essa a intenção deles, mas a citação testifica que tanto Celso como Orígenes reconheciam o papel dos fracos e impotentes (os pobres, as mulheres e os escravos) na luta que tornava Cristo conhecido no mundo greco-romano dos primeiros séculos cristãos.

**Versículo 2. O comportamento** da esposa que queria ganhar o marido para Cristo deveria ser de submissão, mas também **honesto e cheio de temor**. Pedro estava preocupado não só com as esposas, mas com todos os seus leitores, no sentido de terem um estilo de vida que fosse um testemunho adequado para seus contemporâneos (1:15; 2:12). O mundo pagão precisava ver e também ouvir que eles tinham se revestido de Cristo e estavam entre os eleitos. Pedro esperava que os crentes alcançassem os perdidos com palavras e também com o comportamento. A palavra traduzida por “observar”, *ἐποπτεύω* (*epopteuo*), é usada aqui e em 2:12, mas em nenhum outro trecho do Novo Testamento. É uma palavra mais forte do que “observar” meramente. Pinta um quadro de um marido sendo convencido e ponderando a ligação entre a confissão

<sup>1</sup>Orígenes, *Contra Celso* 3.55.

de fé da esposa e a maneira como ela se comporta. O jeito “honesto” de viver da esposa comprova que o comportamento sexual dela é irrepreensível, mas a palavra significa mais do que isso. Sugere inocência e uma disposição singular para o bem, sem fazer concessões. O grego diz literalmente que “o comportamento honesto” dela devia ser “em temor” (*ἐν φόβῳ*, *en foboi*). Dificilmente a intenção de Pedro era que a esposa vivesse com um medo mortal do marido. Ele usou “temor” com o mesmo sentido empregado na ordem para “temer a Deus” (2:17). Além de mostrar respeito e consideração pelo esposo, ela deveria portar-se de maneira que o marido visse que seu estilo de vida puro fluía de uma postura temente e reverente perante Deus.

**Versículo 3.** Pedro aconselhou a mulher cristã a preocupar-se mais com quem ela era e como ela se comportava do que quão atraente ela era aos olhos. A esposa piedosa deveria adornar a sua vida com “um comportamento honesto e cheio de temor”. Pedro acrescentou outro conselho à mulher que está em Cristo: **Não seja o adorno da esposa o que é exterior**<sup>2</sup>. Não há nas palavras de Pedro nenhuma sugestão de que uma mulher deveria estar totalmente despreocupada com a aparência física. Era a maneira de provocar atração do sexo oposto que estava em jogo. Pedro respeitava as mulheres e queria que elas se respeitassem encontrando sua dignidade e identidade no que eram, e não no que vestiam.

Moralistas contemporâneos do mundo greco-romano ecoaram essas palavras de Pedro. O comentarista bíblico J. Ramsey Michaels chamou a atenção para as palavras de Plutarco, filósofo e sacerdote em Delfi, contemporâneo de Pedro: “Não serão ouro, pedras preciosas ou escarlate que a tornarão assim, mas tudo aquilo que a revestir de dignidade, bom comportamento e modéstia”<sup>3</sup>. Semelhantemente, Paulo escreveu:

Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser

<sup>2</sup>A palavra traduzida por “adorno” é *κόσμος* (*kosmos*), uma palavra geralmente usada no Novo Testamento com conotações negativas, cujo significado é “segundo o mundo” ou algo semelhante. Não há nada neste sentido no versículo em questão. Os gregos julgavam o universo em que viviam belo e bem proporcionado. Assim, a palavra tornou-se uma designação para tudo que é belo e bem adornado.

<sup>3</sup>J. Ramsey Michaels, *1 Peter*, Word Biblical Commentary, vol. 49. Waco, Tex.: Word Books, 1988, p. 159; Plutarch *Moralia* 141E.



Pedro pensava da mesma forma que seus contemporâneos mais sensatos. Por implicação, Pedro também tinha uma incumbência para os homens. Assim como havia mulheres cuja preocupação era com a beleza exterior e os adornos, havia homens que eram atraídos por essas coisas. Quando uma mulher se apresenta principalmente se apoiando na sua atração física, ela atrai homens que buscam pouco numa mulher até da aparência exterior. Com o tempo, esse relacionamento construído no fundamento do apelo físico está propenso a enfraquecer. A admoestação para os homens é que eles devem procurar mais numa esposa do que a maneira como ela se arruma.

Pedro foi mais específico. Ele disse que o adorno da mulher não deveria ser **frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário**. Obras artísticas da época de Pedro que foram preservadas até hoje ilustram a maneira como as mulheres finas se vestiam. A atenção excessiva à aparência exterior não é uma invenção moderna. As palavras de Pedro não sugerem que ele esperava que uma boa porcentagem de seus leitores fosse rica, e por isso com condições de usar roupas elaboradas. Pedro estava se dirigindo aos que tinham a mentalidade excessivamente preocupada com a aparência. Essa mentalidade pode estar em ricos e pobres igualmente. O apóstolo não estava dizendo que era pecado a mulher usar um brinco ou colar de ouro, ou um vestido novo, ou fazer um penteado nos cabelos. Ao contrário disso, ele estava dizendo que quando as mulheres se preocupavam excessivamente com essas coisas, elas abriam mão da habilidade de atrair seus maridos por qualidades superiores e mais sérias.

**Versículo 4.** Num sentido negativo, Pedro não queria que as esposas cristãs atraíssem seus maridos com base em meros aspectos exteriores; num sentido positivo, ele queria que elas demonstrassem o **incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo**. O apóstolo começou sua instrução às esposas incentivando a submissão, mas é claro que ele não esperava uma submissão indiferente e passiva em relação a quem o marido era e como ele agia. Não é a questão da influência da mulher sobre o marido que preocupava Pedro, mas a maneira como ela exercia essa influência. A esposa influencia e molda o marido pela sua maneira de viver, assim como ele molda a esposa pela sua maneira de agir. Ela trará glória para Deus quando

atrair o esposo pelo **homem [ser] interior do coração**. Embora o apóstolo estivesse se reportando às mulheres, o conselho podia igualmente ser importante para os homens. Os homens também devem atrair suas esposas pela pessoa boa que são no coração. Não são as aparências – ouro, prata, roupas, cosméticos – que atraem Deus.

Pedro fez uma avaliação surpreendentemente otimista da natureza humana. A implicação é que deveria haver no marido “o homem interior de coração” que valorizava o bom comportamento da esposa acima de seus adornos exteriores. A afirmação parece depositar uma parcela da responsabilidade pelo bem-estar espiritual do marido na esposa. Todavia, se reanalísarmos o contexto renovaremos nossa perspectiva. Pedro estava respondendo a pergunta: “Como uma mulher cristã pode se apresentar ao marido de modo a influenciá-lo adequadamente?” E não a pergunta: “Quem é responsável: o marido ou a mulher, quando o marido é indiferente ou hostil ao evangelho?” Alguns homens podem não ter o “homem interior do coração” que se impressiona com o efeito de Cristo no comportamento da esposa, mas a esposa deve agir como se ele tivesse essa sensibilidade. Ela deve chamar a atenção desse “homem interior”, quer ele exista, quer não.

“O incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo”, disse Pedro, **é de grande valor diante de Deus**. O que tem valor diante de Deus é o cerne da vida cristã. Deus não se importa com ouro ou roupas finas. “O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1 Samuel 16:7). O uso da palavra “incorruptível” [“que não perece”; NVI] coloca o interesse imediato pelo comportamento da esposa sob uma perspectiva eterna. O ouro é “corruptível” (1:7); um espírito manso e tranquilo é “incorruptível”. O incorruptível perdura até “a revelação de Jesus Cristo” (1:7); as joias de ouro, não. A qualidade que Pedro incentivou as mulheres a adotarem, a qualidade que não pereceria, era um “espírito manso e tranquilo”.

Cada um desses adjetivos merece um exame mais detalhado. A palavra “manso” (πραῦς, *praus*) está na lista das bem-aventuranças de Jesus (Mateus 5:5). Um espírito manso não é o mesmo que um espírito fraco. A esposa cristã deve apresentar-se para o marido com um ânimo brando e atencioso. É o tipo de disposição de quem não se ofende ao ser submisso. O oposto de manso é a atitude que insiste na vontade própria, preocupando-se mais em agradar a si mesmo do que com as coisas

“de grande valor diante de Deus”.

A palavra “tranquilo” (ἡσυχίος, *hesuchios*) é a forma adjetiva do substantivo traduzido por “silêncio” em 1 Timóteo 2:12: “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio”. “Estar em silêncio” literalmente é “estar calmo” ou “quieto”. Ambas as palavras sugerem uma disposição de ânimo humilde e respeitosa. Na sociedade greco-romana, uma mulher tornar-se cristã sem o consentimento ou a bênção do marido era um passo ousado para uma esposa respeitável. Todavia a conversão de mulheres nessa situação não era uma questão de afirmar sua independência ou desafiar o marido, e sim de agradecer a Deus. A palavra “espírito” neste versículo não se refere ao espírito imortal dentro dela, mas ao ser interior, sua disposição de ânimo. (Veja 1 Coríntios 4:21; Gálatas 6:1 onde um “espírito de mansidão” refere-se a um ânimo manso.)

Por que um “espírito manso e tranquilo” é “de grande valor diante de Deus”? Porque a mesma disposição necessária à submissão a um marido, um senhor ou um policial é exigida aos que se submetem a Deus. Mais adiante na carta, Pedro citou Provérbios 3:34: “Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça” (1 Pedro 5:5). E o apóstolo acrescentou: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (5:6; veja Tiago 4:10). O orgulho obstrui a submissão à autoridade do estado, à autoridade do local de trabalho, à autoridade do lar e à autoridade do Salvador. O caminho para a submissão e a paz com Deus é o cultivo da humildade e respeito. Não há submissão sem que se sujeite o próprio julgamento e opinião – desde que a consciência não esteja envolvida – em respeito à autoridade do outro.

**Versículo 5.** Pedro lembrou as mulheres cristãs que esse comportamento foi exemplificado por suas ancestrais espirituais. **Outrora** [“do passado”; NVI] aponta para o tempo em que o povo de Deus era Abraão e seus descendentes (veja Hebreus 1:1, 2). A continuidade entre a igreja e o povo e os escritos de Israel está entrelaçada na própria trama de 1 Pedro. **As santas mulheres**, cujas histórias estão registradas na Bíblia, agradaram a Deus se adornando com um espírito manso e tranquilo, enquanto viviam em submissão aos seus maridos. A santidade das mulheres a quem Pedro citou foi demonstrada na atitude delas: **esperavam em Deus**.

Dada a importância da fé nas cartas de Pau-

lo, era de se esperar que Pedro dissesse que as “mulheres santas” “creram em Deus”. O apóstolo provavelmente usou o verbo “esperar” porque a expectativa da volta do Senhor estava gravada em sua mente. Assim como suas leitoras que “encomend[aram] a sua alma ao fiel Criador” (4:19), as “santas mulheres” “esperavam em Deus”. Elas eram um modelo de submissão e, mais sutilmente, de esperança para as leitoras de Pedro. A alusão específica à Sara no versículo seguinte sugere que as “santas mulheres” que Pedro tinha em mente eram as esposas dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó. Se os patriarcas foram os pais de Israel, as mães de Israel foram Sara, Rebeca, Lea e Raquel. Essas santas mulheres **a si mesmas se ataviaram** com seu comportamento piedoso, sendo **submissas a seu próprio marido**.

Pedro não tratou dos casos em que uma santa mulher se encontrava casada com um homem não santo. Presumivelmente, o apóstolo diria que, em tais casos, a submissão com “um espírito manso e tranquilo” ainda é a palavra de ordem, desde que isso não a impeça de ter uma vida fiel a Deus. É importante notar que nessas três áreas em que Pedro ordenou submissão – ao cidadão, ao escravo e à esposa – ele estava fazendo algumas suposições. Normalmente, o governo não condenava cidadãos pacíficos que cuidavam de seus interesses diários. Normalmente, o senhor não abusava do escravo por nenhum outro motivo que não fosse ser seu dono. A família normal a quem Pedro deu essas instruções constituía-se de marido e mulher cristãos, ou de esposa cristã e marido não cristão, porém provedor do lar. Em Atos 5:28 e 29 Pedro viu-se numa situação em que ele não se submeteu às autoridades de Jerusalém. Não é difícil imaginar situações em que um escravo deveria desobedecer ao seu senhor ou uma esposa ao seu marido.

Pedro argumentou que ninguém deve se recusar levianamente a ser submisso, seja como cidadão, servo ou esposa. Uma cadeia de autoridade ordeira normalmente é seguida por quem quer viver uma vida temente a Deus e aprovada por Ele. Uma pessoa pode recusar submeter-se a uma autoridade por uma destas duas razões: 1) A instrução que ela recebeu de Deus não é compatível com o que a autoridade está exigindo dela. 2) Ela decide confirmar e seguir sua própria vontade simplesmente porque é isso o que ela deseja fazer. É esta segunda atitude para com as autoridades que Pedro disse que não deve fazer parte da conduta cristã.

**Versículo 6.** A conduta de **Sara** é uma ilustração de como as “santas mulheres” de “outrora” costumavam se ataviar. O comportamento de Sara reforçou a admoestação de Pedro porque ela, pelo menos neste quesito, foi um modelo de comportamento cristão. A submissão de Sara ao marido ocasionou um incidente específico em Gênesis. Quando o clã de Abraão estava acampado em Manre, apareceram três homens. Depois de Abraão tratá-los com hospitalidade, eles prometeram que Sara brevemente geraria um filho. Sara ouviu secretamente o que eles disseram e riu dessa possibilidade. Era inconcebível que um casal tão velho como Abraão e Sara tivesse um filho. Falando consigo mesma, Sara referiu-se a Abraão como “meu senhor” (Gênesis 18:12). É a expressão “meu senhor” que ilustra o ponto destacado por Pedro. Sara demonstrou submissão a **Abraão, chamando-lhe senhor.**

Embora Pedro tenha considerado a hipótese de uma mulher crente ser casada com um marido descrente, e embora ele tenha sugerido que “um comportamento honesto e cheio de temor” poderia ganhá-lo para Cristo, a conversão de maridos descrentes para o Senhor não era o tema aqui debatido por Pedro. A questão era a submissão das esposas cristãs aos maridos cristãos. Considerando o domínio masculino que era a norma nos lares greco-romanos, supõe-se que na maioria dos casos as esposas acompanhavam seus maridos na conversão à fé cristã. O exemplo de Sara, sendo obediente ao marido, “chamando-lhe senhor”, referia-se à situação normal em que ambos os cônjuges eram crentes. Algumas esposas cristãs talvez pensassem que por partilharem com os maridos igualdade na redenção, essa igualdade se estenderia ao relacionamento conjugal. O apóstolo observou que não era assim. Ele incentivou as esposas a seguirem o exemplo de Sara e obedecerem aos maridos.

Embora a diferença entre submissão e obediência seja pequena, surpreende o fato de Pedro dizer que Sara obedeceu a Abraão, em vez de “submeteu-se a” ele. Filhos obedecem aos pais, escravos obedecem a seus senhores e cidadãos obedecem às leis, porém as esposas normalmente não são admoestadas a obedecerem aos maridos. Talvez o apóstolo tenha usado o verbo mais forte “obedeceu”, em vez de “foi submissa”, porque houvesse algumas mulheres obstinadas defendendo uma independência no lar que levaria alguns candidatos à fé cristã a tropeçarem. Os judeus eram filhos de Abraão e Sara por descendência. A alegação dos cristãos era que eles

havam herdado as promessas de Deus anunciadas pelos profetas porque creram no ungido de Deus e obedeceram a Ele. Pela fé eles eram herdeiros espirituais de Abraão e Sara. A alegação que os cristãos faziam ao nome de Abraão e Sara não era menos real porque eles não estavam na linhagem dos descendentes de Abraão. João Batista estava certo: Deus poderia suscitar filhos para Abraão das pedras (Mateus 3:9). Pedro disse às esposas cristãs que elas eram filhas de Sara enquanto vivessem como Sara viveu, sendo submissas aos seus maridos e praticando o bem. Havia um aspecto condicional para elas serem filhas de Sara. **Vós vos tornastes filhas, praticando o bem.** Elas eram filhas de Sara desde que se comportassem como Sara.

Pedro concluiu a admoestação às esposas cristãs com uma afirmação intrigante. Ele disse para as esposas que elas eram filhas de Sara praticando o bem **e não temendo perturbação alguma.** Por que apareceu a palavra “temer” nesta altura? Sara ainda estaria na mente do apóstolo? Se estivesse, o que haveria no exemplo dela que ensinasse as esposas cristãs a não temer? E o que poderia fazer as esposas cristãs temerem? Podemos responder a pergunta sobre Sara. Considerando que ela não parece ser um exemplo de coragem ou destemor, podemos afirmar que ela estava fora de cena nesse momento. Mesmo assim, não temos certeza do que Pedro quis dizer com essa frase.

“Não temendo perturbação alguma” tem pelo menos três significados possíveis: 1) Talvez Pedro estivesse dizendo às esposas cristãs que, depois de darem o máximo de si, elas deveriam entregar as preocupações aos cuidados de Deus. Não tenham medo das coisas que geram preocupação e incerteza àqueles cuja esperança se limita a este mundo. Embora esse fosse um meio incomum e abrupto de oferecer uma palavra de esperança e confiança positiva, pode ser o que Pedro estava dizendo. 2) Talvez esta fosse uma referência indireta à oposição que as esposas cristãs poderia esperar dos maridos incrédulos. O problema é que nada na passagem sugere um grande número de mulheres cristãs com maridos incrédulos entre os destinatários da carta de Pedro. É certo que havia algumas. Todavia, quando Pedro usou o exemplo da submissão de Sara a Abraão, isso indicou que Pedro estava incentivando as esposas a serem submissas aos maridos que, na maioria, eram crentes. 3) Em toda a carta, fica evidente que todos os leitores de Pedro estavam sofrendo. Pedro provavelmente queria dizer que as esposas cristãs



não deviam temer a oposição e as provações que incomodavam igualmente todos os crentes. Deus estava no controle. Ele estava dizendo: “Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados” (3:14); “O fim de todas as coisas está próximo” (4:7); “Não permitam que o furor do mundo lhes imponha medo”.

### MARIDOS, HONREM SUAS ESPOSAS (3:7)

**7Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações.**

A admoestação aos maridos é mais breve do que a das esposas, mas há muito conteúdo em suas poucas palavras. A posição de liderança na família vem carregada de responsabilidade. O marido não tem permissão para ser um tirano no lar. Ele deve ouvir, honrar e respeitar a esposa.

**Versículo 7.** As duas admoestações à submissão anteriores não vieram acompanhadas de incumbências às autoridades e senhores. Somente a submissão prestada pelas esposas cristãs que é equilibrada pela incumbência aos **maridos** cristãos para que demonstrem consideração e respeito para com a sua **mulher**. Quando os ensinamentos de Cristo impactaram a sociedade antiga, eles elevaram a posição das mulheres consideravelmente. Na literatura antiga, são diversos os exemplos que demonstram a inferioridade da mulher na visão dos homens. Por exemplo, uma afirmação do historiador judeu Josefo descreve a lei judaica concernente às informações de seus clientes romanos. Disse ele que um testemunho deveria ser estabelecido com base em duas ou três testemunhas e depois acrescentou: “Todavia, que não se admitam os testemunhos de mulheres, por conta da frivolidade e ousadia do seu sexo”<sup>4</sup>. Em outra ocasião, ele atribuiu à Escritura a declaração: “Uma mulher é inferior ao marido em todas as coisas”<sup>5</sup>, embora, obviamente, a Escritura não diga isso. Em todos os aspectos, pouca honra era dada a mulher em tais declarações. Ao contrário disso, Pedro instruiu os maridos a **trat[arem-na] com digni-**

**dade, porque [eles são], juntamente, herdeiros da mesma graça de vida.**

Uma vez que o assunto é a submissão das esposas aos maridos, **igualmente** pode sugerir que o marido deve ser submisso à esposa assim como ela é submissa a ele, mas este não é o significado. A palavra grega *ὁμοίως* (*homoios*) neste caso significa “além disso” ou “além do mais”. A esposa, por sua parte, deve ser submissa ao marido, e o marido, por sua parte, deve **viver a vida comum do lar, com discernimento**. Ele faz isso demonstrando a honra dela como co-herdeira com ele. O apóstolo expôs que no lar maridos e esposas devem se tratar com cordialidade e bondade.

Maridos e esposas cristãs compartilham a mesma redenção e a mesma esperança. O fato de as esposas serem submissas no âmbito doméstico não sugere que elas não são iguais perante Deus. Quando Pedro disse ao marido que este deveria ter **consideração para com a [sua] mulher como parte mais frágil**<sup>6</sup>, ele estava afirmando o óbvio: a mulher normalmente não é tão forte fisicamente quanto o homem. O marido pode, se ele for esse tipo de pessoa, dominar a esposa. Ele pode ser fisicamente abusivo. Pedro disse, essencialmente: “Vocês têm força para abusar da esposa, mas tal coisa está totalmente fora dos parâmetros de comportamento cristão”. Isso não acontece quando o marido vive com a esposa “com discernimento” – ou seja, em entendimento, mostrando respeito. A mulher não é “mais fraca” no sentido moral ou espiritual. Anteriormente, em 3:1 o apóstolo já sugeriu que a mulher, pelo menos em muitas circunstâncias, é espiritualmente mais forte que o marido. Ela pode ter oportunidade de conduzir o marido para mais perto de Deus.

O apóstolo apresentou duas razões por que o marido cristão deve “ter consideração para com a mulher”: 1) porque ela é “uma herdeira da mesma graça de vida” e 2) **para que não se interrompam as orações** [do marido]. Em 1:4, o apóstolo lembrou seus leitores da herança incorruptível a eles reservada no céu. Quando ele chamou a esposa de “igualmente herdeira”, ele estava dizendo que a relação de uma pessoa com Deus, a esperança de uma pessoa

<sup>4</sup>Flávio Josefo, *Antiguidades* 4.8.15.

<sup>5</sup>Flávio Josefo, *Contra Apionem* 2.25.

<sup>6</sup>“Como parte mais frágil” literalmente significa “para com o vaso feminino, mais fraco”. A palavra traduzida por “feminino” (*γυναικεῖος*, *gunaikeios*) ocorre somente aqui no Novo Testamento. A palavra “vaso” (*σκεῦος*, *skeuos*) tem uma variedade de usos. Refere-se a um tipo de objeto, às vezes uma jarra ou um recipiente. Aqui é usada para o corpo físico da mulher, como em 1 Tessalonicenses 4:4.

pela herança celestial, nada tinha a ver com sexo ou gênero. E um marido cristão tinha o poder de maltratar a esposa. Pedro disse que o marido maltratar a esposa desagradaria a Deus e interromperia suas orações. A comunhão com Deus é dificultada, e até sobrecarregada, quando o marido tira vantagem da submissão da esposa e pratica abuso.

Existe uma relação entre esta passagem e 1 Coríntios 7:5: “Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração”. A vida no lar e a vida com Deus se entrelaçam perfeitamente. Quando um homem trata a esposa com menos do que consideração, ou honra, ele peca contra Deus. A oração, o ato religioso fundamental, é interrompido quando há desarmonia no lar. Tratar mal a esposa quebra o vínculo entre o homem e Deus. Não é exagero dizer que Deus pedirá contas a quem maltrata a esposa.

A vida no lar pode gerar problemas para o relacionamento do indivíduo com Deus de outra forma, como mencionou Paulo em 1 Coríntios 7. Um marido, uma esposa ou ambos podem ser tão dominados pelo relacionamento físico, emocional e social com o parceiro que colocam Deus de lado, num canto esquecido da vida. Se o casal acredita que isto esteja acontecendo, Paulo disse que os dois podem concordar em se separar um do outro por um breve período, a fim de se consagrarem a Deus, dedicando-se à oração. Em ambos os casos, aqui em 1 Pedro 3:7 e em 1 Coríntios 7, é claro que a vida espiritual e doméstica estão interligadas.

Pedro não empregou tempo aqui para argumentar que Deus deseja que o homem e a mulher mantenham o laço conjugal por toda a vida. Não há necessidade de expor um ponto quando já se estabeleceu um acordo entre ambas as partes. A monogamia é o padrão para o casamento na Bíblia. A sexualidade é uma dádiva de Deus. Ela deve ser usufruída como outras dádivas. Ao mesmo tempo, a sexualidade envolve muito mais do que a mera satisfação do desejo. Quando homens e mulheres expressam sua sexualidade dentro dos vínculos do compromisso e da confiança do matrimônio, não há prazer mais intenso. Também é verdade que quando o sexo se torna mera diversão, logo ele deixa de ser divertido. Quando uma pessoa usa outra para satisfazer seu apetite sexual, quando não há vínculo, nem amor, nem compromisso, o produto final é humilhação e ódio. Talvez nenhuma dádiva dada por Deus tenha maior potencial para o bem

do que a sexualidade humana. Talvez nenhuma dádiva tenha potencial para o mal quando desassociada da intimidade e do compromisso.

Quando o homem estava sozinho no princípio, Deus criou para ele uma mulher, digna de ser sua companheira. Se a satisfação sexual do homem fosse a principal preocupação de Deus quando Ele criou a mulher, certamente Ele teria criado um harém. Não havia poligamia no jardim do Éden. Ali no jardim o primeiro casal veio a existir. Ali Deus estabeleceu uma lei para guiar a família humana para sempre: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 2:24).

### UMA BENÇÃO AOS QUE SOFREM POR CAUSA DA JUSTIÇA (3:8–17)

#### O Viver Santo Decorrente das Bênçãos de Deus (3:8–12)

**<sup>8</sup>Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, <sup>9</sup>não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança. <sup>10</sup>Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente;**

**<sup>11</sup>aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la.**

**<sup>12</sup>Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os Seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males.**

**Versículo 8.** Neste versículo, Pedro quis **finalmente** resumir tudo o que ele disse sobre submissão. As palavras foram dirigidas a todos os crentes, escravos ou mestres, esposas ou maridos, autoridades civis ou cidadãos. Nos versículos anteriores, Pedro reportou-se ao comportamento dos crentes para com não crentes. Um relacionamento correto com Deus se revela na maneira como o indivíduo se comporta para com seus semelhantes, mas o vínculo entre os cristãos requer uma atenção especial (veja Gálatas 6:10). Em Colossenses 3:12–14, Paulo ofereceu uma lista mais extensiva das virtudes



que deveriam guiar os cristãos na conduta entre si. Pedro já havia apresentado uma lista de padrões de comportamento típicos de pessoas não regeneradas no trato interpessoal: malícia, dolo, hipocrisia, inveja e maledicência (2:1). O comportamento dentro do corpo de crentes deveria ser totalmente diferente. Cada uma das palavras que Pedro usou merece um comentário.

No convívio dentro da comunidade dos salvos, os crentes obedientes devem ser **de igual ânimo**. Devem ter o mesmo pensamento. A palavra grega ὁμόφρων (*homofron*), que literalmente significa “de uma só mente”, ocorre apenas neste versículo do Novo Testamento. A unidade dos crentes é um tema infinito no Novo Testamento. No começo do segundo século, o líder de igreja Ignácio exemplificou isto, apelando para que seus leitores fossem “afinados com os mandamentos como uma harpa é afinada com suas cordas”<sup>7</sup>. O chamado de Pedro para que os cristãos fossem “de igual ânimo” era um apelo para que eles compartilhassem uma disposição comum, para que virassem as costas para o tipo de discórdia mesquinha que poderia roubar do corpo o bem-estar e a alegria. Dificilmente era um chamado para os crentes pensarem da mesma forma sobre cada questão que a igreja enfrentava. Antes, era uma admoestação para respeitarem e raciocinarem juntos com a finalidade de que cada um apoiasse o outro na confissão e na prática do viver cristão.

**Compadecidos** é a tradução do grego συμπαθής (*sumpathes*). Além de querer que seus leitores tivessem uma só mente em comum, Pedro também queria que eles fossem um quanto ao coração, que compartilhassem os mesmos laços emocionais. O escritor de Hebreus disse que Jesus, nosso sumo sacerdote, Se compadece das fraquezas humanas (4:15). Compadecer não implica aprovar. Pode-se compadecer-se das fraquezas e lutas do outro e estar convencido de que o comportamento dele desonra a ele mesmo e às pessoas do corpo do Senhor. Esta admoestação, assim como a anterior, em sua forma nominal, só aparece aqui no Novo Testamento.

A palavra traduzida na RA por **fraternalmente amigos** (φιλάδελφος, *filadelfos*) evoca a qualidade do “amor fraternal” ou da “bondade fraternal” que caracteriza quem professa Jesus como Senhor. Nesta forma, a palavra ocorre somente aqui no Novo Testamento, embora Pedro tenha usado um termo semelhante em 1:22. Este adjetivo amplia

e intensifica o anterior. Os crentes não devem só compartilhar os sentimentos uns dos outros, mas devem também procurar o bem-estar dos irmãos como pessoas cujas vidas, esperanças e destinos estão entrelaçados. Os cristãos são uma família.

Na antiguidade, pensava-se nas entranhas ou intestinos, e não no coração, como o centro das emoções. O próximo adjetivo do apóstolo estimulava os crentes a “terem entranhas saudáveis” (εὐσπλαγχνος, *eusplanchnos*) uns para com os outros. A tradução **misericordiosos** é uma boa opção. O Novo Testamento usa esse vocábulo somente aqui e em Efésios 4:32, em que é traduzido por “benignos”. Pedro continuou a sondar as almas de seus leitores, invocando-os a cultivar os laços emocionais mais profundos que unem homens e mulheres numa só fé.

A última palavra da lista de adjetivos, ταπεινόφρων (*tapeinofron*), é especialmente interessante. A RA a traduziu por **humildes**. O mundo secular greco-romano não dava valor a humildade de espírito ou mente. Os afortunados da época buscavam ativamente aclamação pública. Eles não eram tímidos ao anunciar seus feitos e realizações<sup>8</sup>. Na cultura ocidental, talvez se aprenda a ser mais humilde na hora de se vangloriar. É duvidoso que tenhamos aprendido a ser mais humildes. A humildade é um estado de mente com base no qual o indivíduo age corretamente por valores intrínsecos, e não pela aclamação que isso lhe traz. Se as outras palavras da lista se reportavam à disposição do cristão para com seus irmãos, esta evoca um olhar para dentro de si mesmo. O cristão deve ser orientado para o bem-estar dos que compartilham da sua fé; ele não deve se preocupar em receber crédito ou aclamação.

**Versículo 9.** O pensamento do apóstolo começou a mudar em direção à maneira como os cristãos deveriam se relacionar com os incrédulos. Em poucos versículos (3:13), ele se reportaria à postura dos crentes diante de um mundo opressor. Todas as qualidades do versículo anterior unidas eram incompatíveis com [pagar] **mal por mal ou injúria por injúria**. Antes, o cristão deveria rejeitar esse

<sup>7</sup>Ignacio, *Philadelphians* 1.

<sup>8</sup>Em sua obra *Cartas*, Plínio, o Jovem (no início do segundo século d.C.) fez observações acidentais que ilustram o zelo nada tímido com que homens romanos de posição buscavam a própria glória. Numa carta ao seu amigo Máximo, ele mencionou dois de seus escravos que tinham sido contratados por três denários cada um (um salário decente) para se sentarem entre os ouvintes de certo orador e aplaudir. Ele disse que os escravos não faziam ideia do que se dizia e “estariam perdidos, sem um sinal de quanto tempo deveriam aplaudir” (Plínio, o Jovem, *Cartas* 2.14).

comportamento com crentes e descrentes. Reagir com a mesma moeda nunca fez parte da conduta cristã. Pedro já havia apontado para Jesus como modelo: “...quando ultrajado, não revidava com ultraje” (2:23). Na carta romana Paulo havia admoestado: “Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis” (Romanos 12:14). E acrescentou: “Não torneis a ninguém mal por mal” (Romanos 12:17). Os paralelos entre Romanos e 1 Pedro são consideráveis.

É verdade que o Antigo Testamento atribui a vingança aos cuidados de Deus (Deuteronômio 32:35; Provérbios 20:22), mas isso era temperado com o *lex talionis*, ou lei de talião ou lei de retribuição: “oho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe” (Êxodo 21:24, 25). Ernest Best citou um dos Rolos do Mar Morto que incentivava membros da comunidade a “amarem todos os filhos da luz... e [a] adiar todos os filhos das trevas”<sup>9</sup>. Jesus havia rejeitado a retaliação como código de conduta (Mateus 5:39). Pedro fez o mesmo. Maledicência e injúria eram armas ofensivas usadas pelo mundo pagão na tentativa de reprimir a igreja. As mais ultrajantes calúnias sobre os cristãos circulavam pelas cidades. Espalhou-se o boato de que quando os cristãos se reuniam no Dia do Senhor, eles bebiam sangue. Alguns diziam que eles sacrificaram uma criança e eram canibais. Os cristãos poderiam muito bem ter reagido com a mesma moeda. Pedro disse que eles nada deveriam reagir com retaliação.

Além de não pagar mal com mal, os cristãos devem retribuir o mal com o bem. Quando amaldiçoado e insultado, aquele que se encheu do espírito de Cristo deve, **pelo contrário, bendizer**. Jesus disse algo semelhante: “Não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volve também a outra” (Mateus 5:39). Bendizer o ofensor significa mais do que responder com uma indiferença benigna; significa desejar e prometer o bem-estar dessa pessoa. Significa desejar-lhe longa vida, boa saúde e prosperidade – todas as coisas que cooperam para uma vida confortável. No sentido negativo, Pedro deixou implícito que guardar mágoa envenena a fonte que alimenta o viver como Cristo. “Não se deixem vencer pelo mal”, escreveu

Paulo, “mas vençam o mal com o bem” (Romanos 12:21; NVI).

Retribuir “bendizando” quando insultado, vencer o mal com o bem, não pertence à periferia da prática cristã, mas ao centro. O apóstolo lembrou seus leitores: **pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança**. Com um olho na “revelação de Jesus Cristo” (1:7), Pedro lembrou os crentes que a herança deles (1:4) fazia parte e dependia de pagarem o mal com o bem. Uma parte importante dessa herança era a vida que eles adotaram quando se comprometeram a seguir os passos do Senhor. Quando os cristãos bendizem, eles recebem uma bênção. O estilo de vida cristão não é um prelúdio para bênçãos eternas; muito menos é o preço a ser pago pela bênção eterna. A vida cristã é a bênção propriamente dita.

**Versículo 10.** Visando dar sustentação à verdade que acabara de afirmar e elevar essa verdade a outro nível, o apóstolo citou Salmos 34:12–16. A maior parte da citação é da LXX, a tradução grega do Antigo Testamento hebraico já existente no mundo grecofônico a que Pedro se dirigia. O Salmo 34 garante ao oprimido que Deus dá livramento ao Seu povo, uma mensagem que Pedro queria comunicar aos seus leitores oprimidos. Ele já havia citado as palavras de Salmos 34:8: “se é que já tendes a experiência de que o Senhor é bondoso” (2:3). **Amar a vida e ver dias felizes** no salmo refere-se à vida vivida no presente século. Pedro também acreditava que o crente deve **refre[ar] a língua do mal e evit[ar] que os seus lábios falem dolosamente**, se quiser ter uma boa vida neste século; mas o apóstolo tinha mais a dizer. O cristão está sempre contemplando o dia em que a fé será concretizada em algo visível. Como em 1:6–9 e 4:12–14, os crentes aguardam “a revelação de Jesus Cristo”, porém, nesse ínterim, a alegria deles é algo inexprimível. A vida e dias felizes acontecem agora, mas também são aguardados.

Pedro e Tiago pensavam o mesmo a respeito da língua como um barômetro da bondade na vida de uma pessoa. Tiago disse: “Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão, capaz de refrear também todo o corpo” (Tiago 3:2). O salmo que Pedro citou afirma que quando a língua é desenfreada, pode não haver vida, nem dias felizes. Quando os cristãos sofriam calúnias e malevolências, o controle da língua passava a ser muito mais crucial para um viver aprovado por Deus. Se apelassem para ma-

<sup>9</sup>Ernest Best, *1 Peter*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1971, p. 130; *The Community Rule* (1QS) 1.4.

ledicência e dolo, não só trariam para si mesmos a desaprovação divina, mas também poderiam cair na malquerença de seus vizinhos pagãos.

**Versículo 11.** Por mais importante que seja o controle e o uso adequado da língua para o estilo de vida dos chamados por Cristo, existem ainda outros fatores relevantes. O salmo prossegue aconselhando o homem ou a mulher de Deus: **aparte-se do mal, pratique o que é bom.** Isso também faz parte da dieta de quem quer “ver dias felizes”. Jesus apresentou um paradoxo notável ao dizer: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (João 12:24, 25). O indivíduo egoísta, aquele que “ama a sua vida” é quem a perde. Negativamente, é preciso “apartar-se do mal”, para ter vida. Positivamente, é preciso “praticar o que é bom”.

Vida é o resultado do esforço por alcançar a paz. Para o salmista e para Pedro, paz não era uma qualidade passiva que se instala no cristão de modo inesperado. Há uma tensão ativa, e até agressiva, nas palavras **busque a paz e empenhe-se por alcançá-la**. Na LXX, o grego εἰρήνη (*eirene*) traduz o hebraico שָׁלוֹם (*shalom*). Influenciada pelo hebraico, a palavra grega em Salmos 34:14 (34:15 no TM, 33:14 na LXX) também exprime o sentido de inteireza, saúde, salvação e uma relação harmoniosa com o mundo. Os autores do Novo Testamento eram judeus (com exceção de Lucas). “Paz” para eles, conforme o uso hebraico, era uma palavra para saudação e despedida. Recomendar paz era oferecer um voto e uma oração para que a bondade envolvesse a vida do indivíduo saudado.

Paz é mais do que mera ausência de briga. É mais do que a paz decorrente de saber que a presença e o poder de Deus estão ao seu lado. Sempre há um aspecto público na paz. Pedro estava falando da paz com os outros. O pecado tira a paz. A paz e a justiça são irmãs. Quando uma pessoa tem o poder de abusar de outra, quando as regras e leis da sociedade são estabelecidas de maneira a perpetuar injustiça, a paz fenece. O anseio por paz é um testemunho da preocupação cristã com a justiça nas relações humanas, com o tratamento justo dos pobres, com a oportunidade de que todos participem da prosperidade desfrutada por uma sociedade. É nesse sentido que a paz nunca está fora dos pensamentos do povo de Deus. Pedro

terminou sua carta escrevendo: “Paz a todos vós” (5:14). Perto do fim de 2 Pedro, ele fez esta admoestação: “...empenhai-vos por serdes achados por Ele em paz” (2 Pedro 3:14). João terminou sua terceira carta com as palavras: “A paz seja contigo. Os amigos te saúdam. Saúda os amigos, nome por nome” (3 João 15).

Afora na saudação (1:2) e na bênção final (5:14), Pedro só usou a palavra paz aqui. Foi um uso intencional. Ele queria deixar claro que “paz” não era um subproduto accidental da vida cristã. Paulo estava de pleno acordo. “Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros” (Romanos 14:19). Paulo se preocupava com a paz entre os crentes, mas a preocupação de Pedro era como os cristãos promoviam a paz com seus semelhantes descrentes. A paz não acontece acidentalmente. Jesus disse: “Bem-aventurados os pacificadores” (Mateus 5:9). O ideal é que os cristãos sejam catalisadores positivos da paz, “trabalhando para reconciliar todos os homens e mulheres em Cristo porque é por meio dessa atividade que eles imitam a Deus com excelência e executam o que Deus começou em Cristo e continua no Espírito”<sup>10</sup>.

Pedro incentivou seus leitores a buscarem uma estratégia ativa que possivelmente resultasse na harmonia entre eles e todos os seres humanos. A estratégia ativa exigia refrear a língua e ter uma vida moralmente correta. Era preciso “refrear a língua do mal” e, em contra-partida, “praticar o que é bom” e “buscar a paz e empenhar-se por alcançá-la”. O resultado seria uma herança de bênção divina (3:9).

**Versículo 12.** O Salmo 34 intensificou a confiança dos leitores de Pedro. Eles haviam adotado Cristo e rejeitado todos os velhos deuses a quem eles e seus pais serviam. Por que a situação deles agora era tão lamentável? Por que o único Deus do universo não cuidou melhor deles? “Deus não se esqueceu de vocês”, diz o salmo. Quando os fieis praticam o que é certo, Deus o vê. Deus ouve as orações dos Seus filhos. Além disso, **o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males.** Quando o Senhor voltar para julgar, aqueles que oprimem os justos serão chamados ao acerto de contas. O Senhor é contra aqueles que praticam o mal. O Senhor é ativo no mundo que Ele criou. Não devemos desistir nem perder a fé. No salmo “Senhor” refere-se a Deus. Para Pedro, não existe

<sup>10</sup>Carroll Stuhlmueller, Dianne Bergant, et al., eds. *The Collegeville Pastoral Dictionary of Biblical Theology*. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1996, p. 714.



uma linha divisória entre Deus Pai e Deus Filho. Em Sua unicidade, “o Senhor é contra aqueles que praticam males”. Em vez de retaliação pessoal, os cristãos confiam que Deus, no Seu tempo, trará justiça à presente geração perversa.

### **Santifiquem a Cristo em Seu Coração (3:13–17)**

**<sup>13</sup>Ora, quem é que vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom? <sup>14</sup>Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiqueis alarmados; <sup>15</sup>antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, <sup>16</sup>fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, <sup>17</sup>porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal.**

As palavras de 3:9 sugerem que os leitores de Pedro haviam sofrido injúrias e males. Ele citou o Salmo 34 para incentivá-los a viverem retamente em face do mal que sofreram, mas o salmo suscita suas próprias indagações. Ele convida os leitores de Pedro a questionarem: “Se Deus está ao nosso lado, por que estamos sofrendo desta maneira? Como você espera que bendigamos os que estão dificultando a nossa lida?” A seguir, o apóstolo virou a atenção para essas questões.

**Versículo 13.** Pela segunda vez (veja 1:6–9), Pedro reportou-se explicitamente ao sofrimento de seus leitores. A seção (3:13–17) começa com uma pergunta retórica; a resposta está subentendida. Ninguém, obviamente, **vos há de maltratar, se fordes zelosos do que é bom**. Todavia, existe certa tensão entre esta ideia e a afirmação seguinte. O “fogo ardente” que eles suportaram (4:12) e as difamações que receberam “pelo nome de Cristo” (4:14) foram, supostamente, gratuitos. Pedro trataria dessa questão mais tarde, mas por ora ele queria tratar de alguns princípios que guiariam seus leitores a uma vida correta e piedosa. Ele os confortaria e tranquilizaria mais tarde; sua preocupação agora era fortalecê-los a fim de procederem corretamente em face de opressão.

Em circunstâncias normais, os poderes reinan-

tes no mundo não oprimem as pessoas por falarem a verdade, rejeitarem a desonestidade, criarem seus filhos com responsabilidade e tudo o mais que a expressão “zelosos do que é bom” envolve. A pergunta de Pedro nos remete a Isaías 50:9: “Eis que o Senhor Deus me ajuda; quem há que me condene?” Pedro já havia falado bastante quando lembrou seus leitores que as autoridades são enviadas “para castigo dos malfeitores” (2:14). Mais do que estabelecer o princípio de que os cristãos nunca sofrem injustamente, o apóstolo parecia querer admoestar que os cristãos jamais devem provocar um mal tratamento. “Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem”, diria ele logo a seguir (4:15). “Mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios”, dissera ele em 2:12. O mal que os cristãos sofrem nunca deve incitá-los a cair em frustração, retribuindo mal com mal (3:9).

**Versículo 14.** A pergunta que Pedro inseriu no versículo antecessor, com a implicação de que um cristão jamais seria maltratado por fazer o que é bom, obviamente era um exagero. O apóstolo voltou atrás do que acabara de dizer, mas ele não deixou para trás a expectativa por um comportamento correto. Ele começou com um recurso gramatical raro no Novo Testamento. As palavras **mas, ainda que venhais a sofrer** utilizam o modo verbal optativo, uma peculiaridade do grego. Os autores gregos dispunham desse recurso quando queriam sugerir algo que era uma possibilidade improvável. J. N. D. Kelly parafraseou este trecho assim: “Todavia, se a sua dedicação à bondade colocá-lo em dificuldade...”<sup>11</sup> Ao que tudo indica, “a dedicação à bondade” colocou alguns dos leitores de Pedro em dificuldade. Ignorância, superstição, inveja ou pressão política podem realmente gerar o sofrimento de pessoas inocentes. Não havendo escassez dessas qualidades no mundo, o comportamento correto será o aliado do cristão sempre que ele se deparar com elas.

**Justiça** era a principal preocupação de Pedro. “Se vocês tiverem de sofrer”, insistiu Pedro, “que seja por praticarem o bem e não por outro motivo. Que não seja por praticarem o mal”. Como já observamos (2:24), “justiça” em 1 Pedro significa “comportamento moralmente correto, aprovado por

---

<sup>11</sup>J. N. D. Kelly, *A Commentary on the Epistles of Peter and of Jude*, Black's New Testament Commentaries. Londres: Adam & Charles Black, 1969, p. 141.

Deus". Não se trata da justiça imputada no sentido paulino (por exemplo, Romanos 4:3–5). "Justiça" aqui significa "abster-se das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma" (2:11). Quando o sofrimento acontece "por causa da justiça", garantiu Pedro aos seus leitores, **bem-aventurados sois**. A bênção era para a vergonha dos opressores (3:16).

A palavra grega μακάριος (*makarios*) equivalente a "bem-aventurados" não é a mesma usada em 3:9. Ali a referência era a uma bênção proferida; aqui se refere a um estado abençoado em que o crente se encontra. É a palavra do discurso das bem-aventuranças, cuja oitava diz: "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus" (Mateus 5:10). Em que consiste essa bem-aventurança do crente? 1) é uma bem-aventurança decorrente de sua participação no sofrimento do Senhor, que resulta na redenção humana (4:13). Nas marcantes palavras de Paulo: "Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo" (Colossenses 1:24). 2) É uma bem-aventurança decorrente da certeza de que Deus se agrada com quem confia e obedece (1:22, 23). 3) É uma bem-aventurança que encontra esperança na promessa de que "o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma" (1:9).

A última frase, **não vos amedronteis**, representa um desafio homilético. O grego, literalmente, diz: "Não temam o medo que eles têm". A NVI optou pela versão "não temam aquilo que eles temem". A diferença entre as duas versões é considerável. Pedro parece ter adaptado as últimas palavras de Isaías 8:12. Isaías não queria que Israel temesse o que as nações vizinhas temiam, o que condiz com a versão NVI. Todavia, a admoestação para não temer as superstições e deuses que os não crentes temiam soa estranha na linha de pensamento de Pedro. Existe outra tradução que é igualmente literal: "Não temam temer a eles", o que é outro modo de dizer: "Não tenham medo deles". Essa é a interpretação por trás da tradução da NVI. O contexto torna o texto da NVI preferível. A bem-aventurança desfrutada pelos cristãos dá certeza e paz de que eles não são **alarmados** por intimidações.

**Versículo 15.** Ser cristão significa que antes de se perguntar: "O que a Bíblia ensina?", deve-se perguntar: "O que Jesus ensinou?" Antes de perguntar: "O que Jesus ensinou?", deve-se perguntar: "Quem foi Jesus?" Antes de se perguntar: "Quem foi Jesus?", deve-se perguntar: "Quem é Jesus?" Pedro já havia perguntado e respondido a última in-

terrogação quando disse: **santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração**. Constrói-se a fé cristã na pessoa de Jesus de Nazaré. Para Pedro, Jesus de Nazaré e Cristo, o Senhor, eram a mesma pessoa. Ele foi o mestre histórico a quem Pôncio Pilatos crucificou, e Ele é o Senhor que reina à destra de Deus. Diferentemente de Abraão (Romanos 4:1–5), Jesus não é só um exemplo de fé; Ele é o objeto da fé. Ele é Senhor, Cristo e Deus. "Santificar a Cristo, como Senhor" é considerá-lo sagrado no mais íntimo do ser; é conceder-Lhe obediência e amor. O bom comportamento ainda estava em destaque na mente de Pedro. Até o sofrimento, quando é "por causa da justiça", não deve evocar o medo dos que intimidam; antes, convoca a um comprometimento renovado com "Cristo como Senhor".

A reação ao sofrimento se dá em dois níveis. Primeiramente, o sofredor precisa decidir qual será sua reação a Cristo. Pedro disse que o sofredor deveria "santificar a Cristo". O sofredor faz isso quando renova sua decisão de viver baseado na justiça. Em segundo lugar, o sofredor precisa decidir qual será sua reação aos seus opressores. No sentido negativo, ele não deve pagar "mal com mal e injúria com injúria" (3:9), nem deve temer, mas também existe uma reação positiva. Ele deve estar **sempre preparado para responder a todo aquele que [lhe] pedir**. Nisto está implícito que, quando os opressores observam a decisão e a alegria dos cristãos ao sofrerem por nenhum erro por eles cometido, seu interesse é despertado. Estão propensos a perguntar ao cristão a respeito do Senhor a quem ele serve, a respeito da comunhão que compartilha e a respeito da esperança que ele alimenta.

O crente deve estar preparado para apresentar uma defesa a qualquer um que lhe pedir a **razão da esperança** que ele tem, ou seja, ele deve estar pronto para explicar o que ele crê, por que crê e por que vive como vive. A "razão" ou "defesa" em questão não é a que se apresenta num tribunal judicial, mas é uma defesa "a todo aquele que pedir". Pedro usou a palavra "razão" (ἀπολογία, *apologia*) no mesmo sentido informal que Paulo algumas vezes a usou, por exemplo: "A minha defesa perante os que me interpelam é esta" (1 Coríntios 9:3). Ainda que essa palavra possa se referir a procedimentos dentro de um tribunal judicial, "razão" aqui significa simplesmente uma explicação. "Responder" traduz a palavra grega λόγος (*logos*), um termo que implica racionalidade. Pedro presumiu que uma explicação racional da "esperança" do cristão

convenceria alguns e calaria outros. Convém lembrar que o genuíno leite desejado pelos cristãos era um leite racional e inteligível (2:2).

O apóstolo dirigiu-se não só à questão da defesa do cristão, mas também à maneira como ele faz essa defesa. Quando seus acusadores e opressores perguntam, o cristão deve responder **com mansidão e temor** (v. 16). A palavra traduzida por “temor” é φόβος (*fobos*). A NVI diz “com mansidão e respeito”. Semelhantemente, Paulo incentivou os crentes a falarem “a verdade em amor” (Efésios 4:15). A preocupação de Paulo era com a abordagem que os crentes faziam aos que corriam o perigo de ser levados “por todo vento de doutrina” (Efésios 4:14), e a preocupação de Pedro era que os crentes se reportassem aos não crentes com toda consideração e a Deus com respeito. Os dois recomendaram moderação, polidez e boa-vontade ao se aproximarem dos que pensavam de outra forma. Não basta falar a verdade ou até apresentar uma explicação. O modo de falar é muitas vezes tão importante quanto o assunto.

**Versículo 16.** A pontuação da RA permite que “com mansidão e temor” seja um adjunto adverbial modificador de “responder”, ou seja, o crente deveria explicar sua fé de um modo manso e respeitoso. As versões em português apresentam praticamente a mesma tradução. Mas a frase pode ser construída de outra maneira. Talvez Pedro estivesse explicando aos seus leitores que apresentar uma “razão” da “esperança” que tinham exigia uma postura mansa e reverente para com Cristo. Essa é uma possibilidade improvável. O apóstolo estivera incentivando seus leitores a se comportarem bem diante de seus opressores. Em vez de revidar mal com mal, deveriam bendizer (3:9). É melhor entender o adjunto como uma expansão do conselho de Pedro para retribuir as injúrias com bênçãos, ou seja, seus leitores deveriam explicar “a esperança” que estava neles com a mansidão e reverência esperadas daqueles que não desferem o mal contra seus torturadores.

Pedro usou a palavra **consciência** (συνείδησις, *suneidesis*) três vezes (2:19; 3:16, 21). É um vocábulo comum nas cartas de Paulo<sup>12</sup>. O extremo individualismo da nossa cultura ocidental resultou num entendimento de “consciência” apenas em termos

personais. Consciência é a voz interior de cada indivíduo que condena ou aprova seus atos. O conceito grego corresponde ao uso ocidental popular no sentido de que “consciência” era uma conscientização pessoal. A diferença é que os antigos a entendiam como uma conscientização pessoal em relação aos outros. Era a percepção de um indivíduo de como os outros aprovavam ou desaprovavam seus atos. Ter uma **boa** “consciência” era, para o indivíduo, conduzir-se na expectativa de que Deus e seus contemporâneos emitissem um julgamento favorável a seu respeito. A dimensão moral da “consciência” se forma e existe na associação com Deus e outros indivíduos. O conceito de “consciência” como uma conscientização moral que surge do nada no indivíduo era desconhecido por Pedro. O apóstolo não estava dizendo que o crente tem que ter uma “boa consciência” com o propósito de envergonhar seus acusadores, mas que uma “boa consciência” resultava na vergonha deles<sup>13</sup>.

A “boa consciência” do crente lhe dá sustentação e coragem quando ele é solicitado a apresentar a “razão da esperança”. Ele sabe que acusações maléficas direcionadas contra ele não passam de difamação. Existem vários paralelos verbais com 1 Pedro 2:12. O apóstolo não nos deu pistas da natureza da difamação dos gentios contra os cristãos, mas não é difícil supor quais eram. À medida que séculos se passaram, a carne e o sangue de Cristo associados à ceia do Senhor suscitou acusações de canibalismo. Os cristãos foram acusados de promover orgias sexuais em suas reuniões. Menos ferina foi a acusação de que eles eram ateus porque não adoravam deuses que outros indivíduos adoravam. Eles foram acusados de odiar a humanidade porque se recusavam a participar de festas públicas em que se ofereciam adoração e sacrifícios a deuses. A referência de Pedro a injúrias e maledicência sugere que a natureza das provações de seus leitores era verbal, ou seja, eles não estavam necessariamente sendo presos e mortos, pelo menos não nessa conjuntura.

A expectativa é que o “bom procedimento” dos cristãos seja tão aparente que a maledicência não tenha credibilidade. Tendo “boa consciência”, o resultado seria que **naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o**

<sup>12</sup>Veja os comentários sobre 2:19 quanto ao seu uso no sentido de “conscientização”. Veja Christian Maurer, “σύννοια, συνείδησις,” em *Dicionário Teológico do Novo Testamento*, ed. Gerhard Kittel, trad. e ed. Geoffrey W. Bromiley. São Paulo: Editora Cultura Cristã, s.d., s.p.

<sup>13</sup>A palavra ἵνα (*hina*), traduzida por “de modo que” em 3:16, às vezes expressa resultado ou consequência. Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 477.



**vosso bom procedimento em Cristo.** Assim como “consciência”, o conceito de “vergonha” carregava uma dimensão social mais forte para as pessoas do antigo mundo greco-romano do que para a sociedade moderna ocidental. “Vergonha” não era uma qualidade de contrição interior e de auto-acusação; e sim uma condição decorrente de se fazer o que era comumente menosprezado pelos contemporâneos. Estar isento de “vergonha” era o mesmo que ter uma “boa consciência”. Nesse caso, um indivíduo encarava outros cidadãos sem se desculpar por sua conduta. Quanto mais os descrentes observassem o “bom procedimento em Cristo” dos cristãos, mais cientes eles ficariam de que seus próprios atos, julgados por seus contemporâneos, eram vergonhosos. Era assim que os crentes deveriam calar seus inimigos. Retribuir com injúrias aos que difamavam seu bom nome não era condizente com o modelo deixado por Jesus (2:23).

**Versículo 17.** Pedro não se esqueceria do comportamento correto, do estilo de vida irrepreensível, que ele esperava que seus leitores exibissem. Sempre é difícil uma nova religião ser vista com imparcialidade. Os que aderem a uma nova religião inevitavelmente são alvo de acusação por qualquer coisa de errado que aconteça na comunidade em que estão inseridos. Não foi diferente com os cristãos. Pedro não queria que eles dessem à comunidade descrente oportunidade para persegui-los por uma conduta realmente indevida. Ele disse que, **se [fosse] da vontade de Deus**, poderiam vir a sofrer; mas ele não queria que a difamação tivesse nem uma sombra de verdade. Alguém já disse que “os perseguidores geralmente são estimulados por quem eles perseguem, em vez de serem desarmados pelo bom procedimento destes”<sup>14</sup>. Mesmo sendo esse o caso, Pedro insistiu: “Deixai a vossa ‘boa consciência’ testificar que **é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal**”.

No rogo para os cristãos “sofrerem por praticarem o que é bom em vez de praticarem o mal”, há dois significados possíveis. O sentido pode ser que quando os cristãos praticam a retaliação, mesmo quando as ofensas são reais, isso dá aos descrentes oportunidade para mais perseguição (veja 2:20; 3:9). Pagar mal com mal só aumenta o erro. Nesse caso, é melhor sofrer as injúrias, se for necessário, sem retaliação. O apóstolo pode estar expressando em outras palavras o que ele já dissera em 2:12:

<sup>14</sup>Best, p. 134.

“mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios”.

Outra possibilidade é que Pedro estava advertindo seus leitores de que é melhor sofrer neste mundo por praticar o que é certo do que por praticar o que é errado. A segunda interpretação é mais atraente porque a volta do Senhor estava na mente de Pedro, enquanto escrevia esta carta<sup>15</sup>. É difícil escolher entre as duas possibilidades, mas a segunda interpretação é mais provável. O apóstolo almejava que seus leitores apresentassem um estilo de vida irrepreensível e um bom exemplo perante os gentios.

O cristão deve manter um equilíbrio cuidadoso entre a exibição religiosa que visa receber louvor de homens (veja Mateus 6:1) e a preocupação legítima com que seu comportamento seja correto perante todos. Convém que o crente se preocupe com sua reputação. Como disse um sábio judeu: “Cuida em procurar para ti uma boa reputação, pois esse bem ser-te-á mais estável que mil tesouros grandes e preciosos”<sup>16</sup>.

### A MORTE DE CRISTO POR NOSSOS PECADOS (3:18–22)

**<sup>18</sup>Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, <sup>19</sup>no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, <sup>20</sup>os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, <sup>21</sup>a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; <sup>22</sup>o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.**

Pedro introduziu uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento com uma declaração franca e direta acerca do sofrimento vicário de Jesus pelos pecados da humanidade injusta. Não importa como venhamos a entender os pontos mais

<sup>15</sup>Esta interpretação é defendida por Michaels, pp. 191–92.

<sup>16</sup>Eclesiástico 41:12 (Bíblica Católica).

relevantes que ele estabeleceu, o impacto geral de suas palavras é claro. Os crentes são salvos do pecado quando são batizados. Uma vez salvos, compartilham das bênçãos d'Aquele que reina à destra de Deus. O mesmo Cristo que morreu na cruz para salvar o Seu povo reina agora sobre todo poder celestial e terreno. Por causa disso, aqueles que sofrem neste momento podem se regozijar.

**Versículo 18.** É como se Pedro não pudesse pensar em sofrimento sem pensar no sofrimento de **Cristo**, e como se não pudesse pensar no sofrimento de Cristo sem se lembrar de que Ele **também... morreu**. O sofrimento dos escravos em 2:19 e 20 havia levado à mesma sequência de raciocínio. Num sentido, toda a vida de Jesus caracterizou-se por sofrimento, mas é o Seu sofrimento pelo pecado humano que interessa a Pedro. Que Jesus morreu sacrificialmente pelos pecados da humanidade é uma verdade que permeia o Novo Testamento. Paulo o expressou com eloquência: “Aquele que não conheceu pecado, Ele o fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21).

Em 2:21–25, Pedro destacou o exemplo de Cristo, mas Seu exemplo teve menor relevância neste versículo. Pedro não esperava que os discípulos de Jesus seguissem o exemplo do Senhor morrendo **uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos**. Qualquer que fosse o sofrimento exigido dos discípulos de Jesus, eles não carregariam os pecados da humanidade como Jesus carregou (2:24), nem seriam **vivificado[s] no espírito**. O propósito de Pedro neste versículo não era lembrar seus leitores que Jesus mostrou-lhes como sofrer, mas ensinar que Jesus morreu **para conduzir-[nos] a Deus**. É um tema frequente de Hebreus o fato de que Jesus morreu uma vez por todas (Hebreus 7:27; 9:12, 26, 28; 10:10, 14).

Existe uma singularidade e uma finalidade na morte de Cristo pelos pecados. Esta é a implicação em “Pois, também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados”. A reconciliação do pecador com Deus não requer mais sofrimento pelos pecados do homem. A cruz foi totalmente suficiente<sup>17</sup>. O autor de Hebreus argumentou que o Cristo não ofereceu sacrifício anualmente, como fazia o sacerdote de Arão; mas Ele Se ofereceu “uma vez para

sempre para tirar os pecados de muitos” (Hebreus 9:24–28). Em Hebreus, Jesus é sacerdote e sacrifício. Em 1 Pedro, Ele é acima de tudo um sacrifício, uma oferta inocente, “o justo pelos injustos”.

Os leitores iniciais de Pedro e todos os leitores subsequentes se enquadram na categoria “os injustos”. Paulo e Pedro afirmaram o mesmo: “Todos pecaram” (Romanos 3:23). É por causa do Seu sofrimento em inocência que Cristo pode “nos conduzir a Deus”. Pedro já havia abordado esta questão em 2:24 e 25, mas aqui o apóstolo foi mais além. O sofrimento e a morte de Cristo na cruz não constituíam o fim da história. A cruz não era uma derrota. De fato, embora Jesus tenha sido **morto, sim, na carne**, Deus transformou a cruz em vitória. Ele foi “vivificado no espírito”. A segunda afirmação não é bem o que esperávamos de Pedro. Além de ser “morto na carne”, Jesus também foi vivificado na carne. O Senhor deixou isso claro quando convidou Tomé a tocar nas marcas dos pregos (João 20:25, 27). Pedro nada declarou sobre a ressurreição de Jesus no corpo carnal. Sua ênfase foi diferente. “Na carne” Jesus morreu pelas mãos dos homens que O crucificaram. “No espírito”, Ele foi vivificado.

Com estas palavras, Pedro fez a transição para uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento, certamente a mais difícil desta carta. Em 1930, J. A. MacCulloch explorou esta passagem e outras ao mencionar uma persistente tradição na igreja primitiva, segundo a qual Jesus desceu ao mundo dos mortos após Sua crucificação<sup>18</sup>. Desde a publicação da obra de MacCulloch, estudiosos têm dedicado considerável energia a essa passagem. Várias explicações já foram apresentadas para as palavras de Pedro. As questões envolvidas são complexas. É uma escolha difícil. Convém observar que as versões RA, RC, BJ e ARIB não colocaram inicial maiúscula em “no espírito”. Os tradutores usaram a inicial maiúscula sempre que julgaram se tratar de uma referência ao Espírito Santo. Em contrapartida, as versões NVI, AS21, ACRF e o NTJ optaram pela tradução “pelo Espírito”, acreditando que Pedro se referia ao Espírito Santo. No grego, “espírito” não tem inicial maiúscula em nenhum desses casos. Cada versão,

<sup>17</sup> A teologia católica romana sustenta que existe um sacrifício perpétuo de Cristo no céu, que Jesus na verdade sofre sempre que a eucaristia é celebrada. Pedro e o autor de Hebreus deixaram declarações que deitam em terra essa doutrina.

<sup>18</sup> A respeito da descida de Jesus ao mundo dos mortos, MacCulloch escreveu: “A partir do segundo século pelo menos, não havia doutrina mais conhecida e mais popular do que a Descida ao Hades, a vitória sobre a Morte e o Inferno (Hades), a Pregação aos Mortos e a Libertação de Almas, e sua popularidade aumentou sensivelmente” (J. A. MacCulloch, *The Harrowing of Hell: A Comparative Study of an Early Christian Doctrine*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1930, p. 45).

portanto, oferece uma interpretação ao escolher “espírito” ou “Espírito”.

**Versículo 19.** Este versículo levanta imediatamente várias perguntas. O antecedente do pronome relativo na expressão **no qual** é evidente. A palavra mais próxima do pronome no versículo anterior é “espírito”, o qual a NVI entende ser o Espírito Santo. Não surpreende, então, que a NVI use “pelo Espírito”. Seguindo essa tradução, entende-se que Jesus **foi e pregou aos espíritos em prisão** pelo Espírito Santo, ou seja, Ele foi através do poder suprido pelo Espírito Santo. Estaria certa a tradução da NVI? Traduzir a preposição grega *ἐν* (*en*) por “por” é uma possibilidade, e a gramática do texto permite que o pronome grego tenha como termo antecedente “espírito”, citado no versículo antecessor. Sendo assim, é aceitável, se não preferível, a tradução “pelo qual”. A questão é se era isso mesmo que Pedro queria comunicar. A NVI ofereceu uma possível interpretação ao leitor moderno, mas é questionável se essa tradução interpretou corretamente o versículo.

O pronome “no qual” pode se referir ao Espírito Santo, mas não necessariamente. Embora as traduções, especialmente as mais recentes, não reflitam isso, a expressão grega “no qual” (*ἐν ᾧ*, *en hoi*) ocorre mais quatro vezes em 1 Pedro (1:6; 2:12; 3:16; 4:4). A NVI segue a mesma tradução da RA, “no qual”. Em outras ocorrências da expressão, também vertida para “nisso”, o pronome parece se referir à ideia antecedente fornecida pelo contexto. Sendo assim, em 1:6, quando Pedro escreveu: “Nisso exultais”, o pronome “isso” refere-se à exultação em todas as circunstâncias descritas em 1:4, 5, e não a alguma coisa específica. Semelhantemente, no versículo que estamos analisando, “no qual” pode se referir, não a “espírito”, mas à descrição de Cristo antecedente, o fato de ter Ele morrido e sido vivificado. Talvez Pedro estivesse dizendo que no decorrer dos fatos que acompanharam a Sua morte e ressurreição, Jesus “foi e pregou”. Estas, então, são as opções: 1) Pedro estaria dizendo que, pela ação do Espírito Santo, Jesus foi, ou 2) de algum modo espiritual, Ele foi, ou 3) no desenrolar dos fatos concernentes à Sua morte e ressurreição, Ele foi. Na primeira e na segunda opção, entende-se que o antecedente do pronome é “espírito”. No primeiro caso, é o Espírito Santo (conforme a NVI); no segundo entende-se que espírito é genericamente “de um modo espiritual” (conforme a RA). O antecedente de “qual” pode ser “Espírito” ou “espírito”, ou pode ser a circunstância de Cristo ser morto e vivificado. Qualquer que seja a interpre-

tação escolhida, terá grande peso a forma como se entende o restante da passagem<sup>19</sup>. Adiademos a escolha dentre estas possibilidades até termos explorado outras questões levantadas por esse trecho.

Aqui está outra questão: Jesus “foi e pregou” pode ser entendido literalmente ou figuradamente; em outras palavras, Jesus pode ter ido pessoalmente ou não materialmente ou representativamente. Todavia, quando Pedro disse que Jesus pregou “aos espíritos em prisão”, faz-se necessária uma leitura não literal de “**espíritos em prisão**”. Uma prisão no sentido literal com grades e guardas vigiando os espíritos está fora de cogitação. Os espíritos estavam num tipo de prisão, mas não igual às que conhecemos. Os tradutores da conhecida versão inglesa NASB (*New American Standard Bible*) fizeram uma inserção neste trecho: “aos espíritos *agora* em prisão”, sugerindo que eles não estavam em prisão quando Jesus lhes pregou e, sim, quando Pedro escreveu. O leitor deve se basear no contexto para decidir se essa inserção é correta ou não.

Se os “espíritos” a quem Jesus pregou não estavam literalmente “em prisão”, onde estavam? O que significa “prisão”? As respostas a essas perguntas vão depender de quem eram os “espíritos” a quem Jesus pregou. Segundo 3:20, os espíritos eram as pessoas que foram desobedientes nos dias de Noé. Alguns argumentam que a referência é a anjos maus, os “filhos de Deus” em Gênesis 6:1–4, os quais viveram antes do dilúvio. Embora seja verdade que havia um interesse extraordinário pelos contemporâneos nos “filhos de Deus” que desposaram as “filhas dos homens”, em Gênesis 6:1–4, esses “filhos de Deus” (sejam quem for) não interessavam a Pedro. O apóstolo estava preocupado com o julgamento que Deus traria sobre as pessoas de sua época. O julgamento sobre os anjos não lhe interessava. Assim como as pessoas desobedientes de sua própria época, foram as pessoas desobedientes da época de Noé que incitaram a ira de Deus. “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gênesis 6:5). Os “espíritos” desobedientes dos dias de Noé eram as pessoas perversas daquela geração.

É incomum se usar a palavra “espíritos” para pessoas, mas como o apóstolo haveria de designar

<sup>19</sup>A expressão *ἐν ᾧ* (*en hoi*) tem sido entendida de outras maneiras. As alternativas alistadas acima são as mais fundamentadas. Este não é o lugar para uma exposição das questões gramaticais envolvidas analisadas por Michaels, p. 205.



aqueles que por tanto tempo estavam mortos? Não eram pessoas no sentido comum da palavra, isto é, pessoas de carne e osso. O apóstolo chamou pessoas vivas de “almas” (ψυχαί, *psychai*; 3:20); pessoas mortas eram “espíritos”. A forma como Pedro usa “espíritos” é semelhante a Hebreus 12:9, onde “pais segundo a carne” contrasta com “o Pai dos espíritos”. Assim como Pedro, o autor de Hebreus usou a palavra “espíritos” para os que não estavam encarnados. Quando Pedro disse que os “espíritos” estavam “em prisão”, ele afirmou que as pessoas rebeldes da época de Noé, ainda que já desencarnadas, estavam confinadas no reino dos mortos. Os “espíritos” eram as pessoas desobedientes da geração de Noé. Eles estavam no reino do inferno [Hades] quando Pedro escreveu. Essa era a prisão. A descrição do mundo do Hades como uma prisão não era um conceito estranho aos que estavam familiarizados com os profetas. Ezequiel, por exemplo, descreveu os homens poderosos do Egito que desceram ao Sheol (Ezequiel 32:18–32), um reino sombrio não diferente de uma prisão. “Prisão” para Pedro equivale a “Sheol”, “profundezas da terra”, em Ezequiel.

Resumindo, Jesus foi ao mundo dos mortos, especificamente até os que foram desobedientes nos dias de Noé e “pregou”. Jesus anunciou uma mensagem. A palavra κηρύσσω (*kerusso*) é um verbo geral para a proclamação de uma mensagem. Em 4:6, Pedro usaria o verbo εὐαγγελίζω (*euangelizo*), que significa “pregar o evangelho”, porém não o fez aqui. O que Jesus pregou ou proclamou para os mortos? Por que Ele quis proclamar algo aos mortos? Para responder estas perguntas, temos de retroceder à primeira pergunta levantada a respeito deste versículo. Qual é o significado de “no qual”?

A última palavra de 3:18 no grego e na RA é “espírito”. Foi enquanto Jesus estava no reino da carne, dentro dos limites da carne, que Ele foi morto; e foi no reino do espírito que Ele foi vivificado. Por que Pedro não disse simplesmente que Jesus foi vivificado? Por que “vivificado no espírito”? Talvez seja útil considerar 2:5, onde o apóstolo mencionou uma “casa espiritual” e “sacrifícios espirituais”. Ali ele parecia se referir à casa e aos sacrifícios não materiais. O fato de serem “espirituais”, sem dúvida, significava que agradavam a Deus e eram por Ele aprovados, porém também eram não materiais. Espiritual pode significar não literal tanto quanto “espírito” pode significar não carnal. O uso de “espiritual” em 2:5 é uma pista de como Pedro en-

tendeu a vitória de Jesus sobre a morte. Deus vivificou a Cristo após ser Ele crucificado, mas Jesus não readquiriu o mesmo corpo, carnal em todos os aspectos, como era antes da crucificação. O aspecto não material, não carnal, de “vivificado no espírito” reincidente no uso de “no qual” em 3:19. Paulo fez uma distinção entre estar presente na carne e no espírito (Colossenses 2:5). Aparentemente, é possível uma pessoa estar presente “no espírito” quando não está literal e fisicamente presente.

Depois de dizer que Jesus foi “vivificado no espírito”, Pedro mudou de assunto. Da obra reconciliadora de Cristo, Sua morte pelos pecados e Sua ressurreição, ele passou a discorrer acerca da justificação dos cristãos aos olhos do mundo que os oprimia. A mente de Pedro voltou à revelação do Senhor e a julgamento que ocorreria no momento da Sua revelação. Foi o tema do julgamento que o levou a Noé. Houve um tempo em que Deus trouxe julgamento universal sobre a humanidade. Pedro queria que seus leitores soubessem que o julgamento nos dias de Noé não se deu na ausência de Cristo. Espiritualmente, não materialmente, quando Noé pregou e advertiu as pessoas de sua geração, quando lhes anunciou uma mensagem de Deus, foi Cristo quem falou por meio dele. O apóstolo poderia ter dito com a mesma força que Cristo falou pela boca de Moisés ou Isaías, mas Noé é relevante porque Deus julgou o mundo nos seus dias. Naquele tempo, Deus revelou o Seu poder, os Seus propósitos e a Si mesmo. Deus também se revelaria a Pedro, seus leitores e seus opressores num julgamento mundial. Jesus falou espiritualmente por meio de Noé e ocorreu o julgamento. Do mesmo modo, Jesus estava falando espiritualmente por meio de Pedro e outras testemunhas apostólicas. Certamente, haveria também julgamento após a proclamação.

Resta apenas dizer que este entendimento das passagens remonta a Agostinho (quinto século d.C.) e é defendido por estudantes modernos capacitados. O ato de Jesus ir e pregar é melhor entendido como uma ida espiritual, ou seja, não material. Jesus falou na pessoa de um porta-voz divino, Noé, durante o tempo em que o julgamento divino era iminente e universal. Quando Noé falou, Jesus falou; quando Pedro falou, Jesus falou.

Existe outra forma de se entender 3:19 que merece consideração. A doutrina segundo a qual, entre Sua crucificação e ressurreição, Jesus foi literalmente até o mundo dos mortos, o chamado *Descensus*, era um assunto comum na igreja anti-

ga. Havia uma variedade de explicações sobre o propósito dessa ida ao mundo dos mortos. Talvez fosse para anunciar Sua vitória, confirmar e revelar-Se aos fieis e proclamar condenação aos ímpios. Passagens como Atos 2:27 e Efésios 4:9 eram citadas com o propósito de apoiar essa doutrina. O Credo dos Apóstolos em seu último formato que data de Rufino (ca. 360 d.C.) continha a expressão “Ele desceu ao inferno.” Argumenta-se que Jesus desceu ao mundo onde as almas aguardam o fim dos tempos, o lugar onde Jesus foi juntamente com o ladrão arrependido após a crucificação (Lucas 23:43), o lugar onde os obedientes e os desobedientes aguardam o juízo final.

Embora alguns tenham tentado ver no *Descensus*, uma teologia da “segunda oportunidade”, essa não é necessariamente a implicação dessa doutrina. Existem outras razões por que Jesus pode ter descido ao Hades. É praticamente inconcebível que Pedro tenha lembrado seus leitores de que Jesus realmente foi e pregou a algum mundo de seres espirituais ou aos espíritos dos mortos após Sua crucificação, quando Ele foi vivificado no espírito. Todavia, se for essa a intenção de Pedro, é difícil ver a relevância de suas palavras aos pensamentos imediatamente antecessores. A descida de Jesus ao Hades se encaixa no contexto como um pensamento ao acaso. Além disso, a noção de que Jesus desceu ao mundo dos mortos para pregar tem, na melhor das hipóteses, um apoio indireto do resto do Novo Testamento. Não é inconcebível que Pedro tenha se referido a esse tipo de descida; nem é provável. Concluímos que o antecedente do pronome “no qual” é “espírito”, a última palavra do versículo anterior, e que espírito deve ser grafado com inicial maiúscula. Em outros casos onde Pedro usou as palavras “no qual” (“nisso”), o pronome parece se referir ao contexto antecessor, porém este uso da expressão é excepcional. Cada ocorrência deve ser analisada segundo seus aspectos particulares. Na forma em que o pronome foi usado em 3:19, é natural entender que o termo se refere a “espírito”, seu antecedente mais próximo.

**Versículo 20.** As pessoas que estavam no Hades quando Pedro escreveu, **os quais, noutro tempo, foram desobedientes**, foram as pessoas a quem Cristo pregou. A desobediência dos que viveram nos dias de Noé é paralela à desobediência dos que oprimiram os cristãos nos dias de Pedro. Em ambos os casos, os desobedientes “hão de prestar contas Àquele que é competente para julgar vivos e mortos” (4:5).

Deus não destruiu o mundo pré-diluviano numa reação involuntária ou automática à maldade das pessoas. Assim como a **longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé**, Sua longanimidade estava aguardando nos dias de Pedro. Em sua segunda carta, o apóstolo diria que Deus “é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9). Cristo pregou à geração de Noé quando Noé pregou a eles, enquanto ainda estavam vivos. A geração de Noé não creu nessa pregação. No fim, Noé foi recompensado e os incrédulos, julgados. Aconteceria o mesmo com a geração de Pedro.

Durante todo o tempo em que Jesus estava advertindo o povo pré-diluviano através da mensagem de Noé, “pregador da justiça” (2 Pedro 2:5), Deus estava fazendo outras advertências tangíveis. Noé estava pregando **enquanto se preparava a arca**. Na função de porta-voz de Cristo, Pedro também estava oferecendo advertências visíveis às pessoas de sua geração. Através da pregação de Pedro e outras testemunhas apostólicas, a igreja veio a existir. Anteriormente, o apóstolo chamou a igreja de “casa espiritual” (2:5). Assim como alguns da geração de Noé foram salvos quando procuraram refúgio da maldade que os cercava, alguns da geração de Pedro estavam sendo salvos à medida que encontravam refúgio na casa espiritual de Deus. Os cristãos a quem Pedro dirigiu sua mensagem também tinham uma arca onde podiam encontrar abrigo no momento do julgamento divino. A “arca” em 3:20, para os leitores de Pedro, é a mesma “casa espiritual” e o “sacerdócio santo” de 2:5. É verdade que os cristãos eram pequenos em número, todavia, quando Noé construiu a arca houve apenas **poucos, a saber, oito pessoas**, que foram levadas em segurança. Não deve nos surpreender que poucos da geração contemporânea a Pedro acharam segurança.

A analogia (quase uma alegoria) de Noé, a arca e os ímpios da geração de Noé funcionou bem para explicar esta ideia. Todavia, quando Pedro acrescentou que os oito indivíduos da geração de Noé **foram salvos, através da água**, a comparação requer cuidado. Trata-se de uma afirmação estranha. O esperado seria o texto dizer que os oito foram salvos “da água”, e não “através da água”. Certamente, eles não foram salvos por meio do dilúvio, foram? Talvez Pedro pretendesse dizer que os oito foram salvos do julgamento divino imposto por Deus àquela geração “através da água”. Nesse caso, foi a água que os salvou. A água lavou os pecados da huma-

nidade na terra e salvou os oito do mesmo julgamento que os desobedientes experimentaram. Não fosse pela lavagem da água, eles acabariam sendo enredados na iniquidade que os cercava.

De modo algum é irrelevante questionar por que Pedro citou “água”. O versículo seguinte esclarece. Ele citou água porque o assunto que estava abordando era a salvação das oito pessoas da geração de Noé. O assunto subsequente do apóstolo era a salvação de seus leitores. Os cristãos para quem Pedro escrevia, assim como os oito da geração de Noé, haviam sido resgatados dentre seus contemporâneos 1) quando Deus trouxe o julgamento e 2) através da água. A analogia não se aplica em sua totalidade, mas as semelhanças são suficientes para fornecer aos leitores de Pedro a certeza de que havia paralelos entre o modo como Deus agiu no passado e o modo como Ele estava agindo com eles. Pedro, anteriormente, dissera que eles “nasceram” de uma semente incorruptível. Eles nasceram quando foram batizados em Cristo (veja comentários 1:3, 23). O batismo em água foi o momento em que se revestiram de Cristo (Gálatas 3:27), tornaram-se Seu povo, e participaram da herança. A salvação dos oito nos dias de Noé continha vários aspectos paralelos à salvação dos leitores de Pedro. A água dos dias de Noé lavou a corrupção da terra, de modo que Noé e sua família livraram-se das influências de sua geração. Na água do batismo, os leitores de Pedro experimentaram o poder do sangue de Jesus para lavar seus pecados. Por causa do que o batismo significou para seus leitores, o apóstolo queria que eles entendessem que aqueles a quem Jesus pregou pela boca de Noé, assim como eles, foram salvos “através da água”.

**Versículo 21.** Esta é a única ocorrência explícita em 1 Pedro da palavra **batismo**, não havendo dúvida de seu significado nesta passagem. Observe-se que a tradução literal de “figurando o batismo” é que a água era um “antítipo” (ἀντίτυπος, *antitipos*). Esta é apenas a segunda ocorrência dessa palavra no Novo Testamento, a outra aparece em Hebreus 9:24. O assunto é salvação. Quando a água dos dias de Noé salvou os oito da geração corrupta que vivia ao redor deles, isso foi um “tipo”, uma prefiguração, do “batismo” que **agora também vos salva**.

O apóstolo presumiu que seus leitores já conheciam a relevância do “batismo”. Eles haviam entendido que ele não era um ato meramente mecânico. Sua eficácia decorre primeiramente da obra de Cristo que “morreu... pelos pecados, o justo pelos

injustos, para conduzir-vos a Deus” (3:18). Em segundo lugar, essa eficácia decorre da resposta de fé dos seus leitores. O que está claro é que “o batismo” não é um anexo, um apêndice à salvação; ele não é “uma resposta exterior a uma graça interior”. Assim como Cristo agiu quando morreu na cruz, Ele age quando uma pessoa é batizada e seus pecados são removidos. O “batismo” é um ato humano, mas ele também é um ato divino. O crente arrependido é salvo quando é batizado (Romanos 6:3, 4). Calvin, Zwingli e outros reformadores estavam corretos em muitas de suas críticas ao catolicismo romano, mas estavam equivocados ao rejeitarem a noção de que Deus age quando a fé é expressa no batismo.

D. A. Carson também estava equivocado quando sugeriu que as igrejas de Cristo possuem uma visão particular do batismo sem raízes históricas na tradição cristã<sup>20</sup>. Nos primeiros séculos do cristianismo, ninguém conceberia estar em Cristo sem ter passado pelo batismo<sup>21</sup>. Fred Gealy estava correto ao escrever:

O batismo era o momento em que os homens eram, efetivamente, chamados para a vida eterna. [Ele era] o rito de passagem do mundo para a igreja, era como um renascimento do mundo das trevas atual para o reino do Filho do Seu amor, era um ato de profissão pública que, efetivamente, separava o cristão do mundo e colocava-o dentro da igreja.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup>D. A. Carson, “Reflections on the Book *I Just Want to be a Christian* por Dr. Rubel Shelly.” O artigo pode ser encontrado no website: [www.mun.ca/rels/restmov/texts/rmeyes/carson.html](http://www.mun.ca/rels/restmov/texts/rmeyes/carson.html). Carson escreveu: “Ao mesmo tempo, ele [o Movimento de Restauração Norte-Americano] desenvolveu uma visão do batismo adotada por quase ninguém fora do espectro das congregações representadas por esse movimento”. Presume-se que a opinião adotada por Carson sobre o Movimento de Restauração é que Deus age quando uma pessoa é batizada e remove os pecados dos crentes obedientes. De fato, essa opinião pode ser confirmada em documentos escritos desde os períodos antigos da história da igreja até os modernos e de diversas tradições cristãs.

<sup>21</sup>Everett Ferguson reuniu textos do segundo século que mostram que os amplos segmentos da igreja desse período entendiam ser o batismo para a remissão de pecados. Essa era uma doutrina que perdurou muito além do período do Novo Testamento. Escreveu ele: “A unanimidade e o vigor das declarações do início do segundo século sobre o batismo indicam uma relação direta entre o batismo e o perdão dos pecados desde os primórdios da igreja” (Everett Ferguson, *Early Christians Speak*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1971, p. 38).

<sup>22</sup>Fred Gealy, “The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus, Introduction and Exegesis,” em *The Interpreter’s Bible*, ed. George A. Buttrick. Nova York: Abingdon Press, 1955, vol. 11, p. 453.



Poderíamos incluir mais outras citações. Muitos estudiosos da Bíblia sem ligação com as igrejas de Cristo destacaram que no Novo Testamento e na igreja primitiva, o batismo, a conversão e a remissão de pecados estavam inseparavelmente interligados. Eles podem não concordar com a maneira como a igreja moderna deve ser guiada pela prática dos cristãos do Novo Testamento, porém muitos deles entendem que para a igreja primitiva não havia a possibilidade de um indivíduo ser declarado cristão sem ter passado pela água do batismo. Pedro deixou isto claro ao escrever que o batismo “agora também vos salva”. Quando Paulo escreveu: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes” (Gálatas 3:27), a implicação inequívoca é que quem não foi batizado em Cristo não se revestiu dEle. É igualmente evidente que somente aqueles que se revestiram de Cristo participaram da herança cristã.

Pedro esclareceu. Qualquer um que supõe que a relevância do “batismo” está no rito físico em si não entendeu o ensino neotestamentário. Nas palavras de Edward Gordon Selwyn, o batismo “não é um mero ato de purificação corporal, mas é uma entrega moral do homem por inteiro ao Deus revelado em Cristo”<sup>23</sup>. Ele tampouco é um mero sinal da aliança entre Deus e Seu povo. A circuncisão, pelo contrário, era um ato físico que só servia como sinal de aliança. Deus não agia quando uma criança de oito dias de vida era circuncidada. Antes da circuncisão, uma criança judia já era considerada parte do povo de Deus por nascença. Quando um crente faz a **indagação de uma boa consciência para com Deus**, sendo batizado, Deus age porque Cristo “morreu... pelos pecados” (3:18); Ele age porque Jesus Cristo foi declarado vitorioso **por meio da [Sua] ressurreição**. Quando uma pessoa é batizada em Cristo, ela se torna parte do povo de Deus por conta do seu novo nascimento.

O batismo é uma súplica ao pagamento que Jesus realizou na cruz por uma “boa consciência”. “Consciência” para Pedro não tinha o mesmo significado da linguagem moderna. “Consciência” aqui não é uma tímida voz interna; é o senso que o indivíduo tem de sua posição perante Deus e seu semelhante. Porque a pessoa foi batizada, sua “boa consciência” é o conhecimento partilhado entre ela

mesma, Deus e seus semelhantes. Isso lhe dá confiança e convicção de que ela faz parte do povo de Deus, sendo herdeira da herança a ser revelada na volta de Cristo. “Consciência” no mundo de Pedro tinha uma dimensão social muito maior do que tem para as pessoas de hoje.

Deve-se observar que Pedro entendeu que o “batismo” é uma lavagem do corpo. O significado do batismo tem a ver com a lavagem. Essa analogia se perde se entendermos o batismo como uma aspersão ou derramamento de um pouco d’água sobre o candidato. Além disso, Pedro disse que o “batismo” é uma “indagação” ou “súplica” (NVI) da parte de quem é batizado por uma “boa consciência”. A implicação é que o batizado tenha maturidade suficiente para fazer sua própria indagação ou súplica. Pedro descreve o batismo como a imersão de um candidato com idade suficiente para reconhecer que está perdido e, por isso, suplica por uma boa consciência.

**Versículo 22.** Não há livro do Antigo Testamento mais citado no Novo do que Salmos<sup>24</sup>, e não há salmo mais citado do que o Salmo 110, e não há porção do Salmo 110 mais citada do que esta: “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Salmos 110:1). Pedro queria que seus leitores soubessem que Jesus Cristo, **depois de ir para o céu, está à destra de Deus**. Jesus Cristo possui uma dimensão histórica: Ele era homem, nasceu de uma virgem, foi criado em Nazaré e foi pregador e profeta. Em tempo real, Jesus curou um cego, alimentou milagrosamente cinco mil e foi transfigurado na presença de três de Seus discípulos. Ordenados por Pôncio Pilatos e incitados pelos judeus (Sua própria gente), os romanos O crucificaram. Ao terceiro dia, Ele ressuscitou pelo poder de Deus. Na fé cristã é fundamental que esses eventos e outros ocorreram em tempo real, mas isso não é tudo. A mera curiosidade por coisas antigas não basta para que se experimente Cristo. Jesus reina agora, Ele subiu ao céu, **ficando-Lha subordinados anjos, e potestades, e poderes**. Pedro estava interessado em algo mais do que quem foi Jesus enquanto homem; ele também estava interessado em quem foi Ele enquanto Filho de Deus.

Sentar-se “à destra” é uma expressão simbólica. A “mão direita” sugere, ao mesmo tempo,

<sup>23</sup>Edward Gordon Selwyn, *The First Epistle of St. Peter: The Greek Text, with Introduction, Notes, and Essays*, Thornapple Commentaries, 2a. ed. Londres: Macmillan & Co., 1947; reimpressão, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1981, p. 83.

<sup>24</sup>Salmos tem o maior número de citações, se considerarmos que citações e menções são equivalentes.

intimidade e autoridade. Não conseguimos subentender tudo o que o relacionamento entre o Pai e o Filho envolve. Eles são um, mas ao mesmo tempo Deus Pai está no trono, e Jesus Filho está à Sua direita. Pedro não tratou das sutilezas da Trindade. Sua preocupação era confessar e confirmar que Jesus tinham um relacionamento com Deus que não se compara com nenhum outro relacionamento da criação. Todas as “potestades e poderes”, sejam angelicais sejam terrenos, estão sob as Suas ordens. E Ele reina sobre o Seu povo. Ele cuida deles, disciplina e lidera. Ele é o Rei benevolente deles.

## APLICAÇÃO

### Aos que Desejam Vida (3:8–12)

Existem pessoas ao nosso redor que vivem num mundo de ódio, violência, maldições e raiva. Não dá para saber se elas nos causam repugnância ou pena. Comparemos esse estilo de vida com as palavras de Pedro: “Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes” (1 Pedro 3:8). É importante que notemos o que Pedro não disse. A vida, em sua bondade e plenitude, não é o produto de quanta riqueza uma pessoa acumula. Não é um produto de quão poderosa uma pessoa se torna. Uma boa vida não é uma medida de quantas pessoas um homem forte pode comandar. Uma vida de realizações não provém disso. Conhecendo a Cristo, muitos do Seu povo aprenderam a viver.

Os cristãos anseiam pelas alegrias do céu; mas Jesus deixou claro que o Seu reino, o reino do céu, já entrou na história humana para aqueles que O seguem. Restam algumas coisas a serem realizadas, mas em Cristo o reino do céu está entre nós. Os cristãos não precisam esperar até que o Senhor volte para desfrutar do reino (veja Lucas 17:20b, 21).

Estar em Cristo não tem a ver somente com o mundo por vir. Deus já deu ao Seu povo a chave para a vida nesta era. A fórmula de Pedro começa com muita simplicidade.

*Primeiramente, lembre-se de ser gentil.* Gentileza é o amor expresso em pequenas coisas. É oferecer um sorriso, segurar uma porta aberta, ajudar uma velhinha a aprender a ler, esfregar um piso, ouvir os problemas de uma pessoa, segurar uma mão. Gentileza envolve cortesia e cordialidade. A maioria de nós conseguimos ser generosos, prestativos e corteses quando há uma plateia; revelamos nosso real eu em momentos desprotegidos. Gentileza não

é obediência a uma ordem ocasional; ela se constrói na trama da vida. A gentileza nunca acaba.

Quando Pedro resumiu a vida e a obra de Jesus, ele usou palavras que destacam a simples gentileza do Senhor: “o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele” (Atos 10:38b). No Evangelho de Marcos, um leproso foi até Jesus, ajoelhando e suplicando: “Se quiseres, podes purificar-me”. E, movido por compaixão, Jesus tocou o homem e curou-o (Marcos 1:40, 41). Acima de qualquer coisa que se diga sobre o poder miraculoso de Jesus, a cura do leproso foi um simples gesto de gentileza.

*Em segundo lugar, desfruta-se do reino do céu pagando mal por bem.* Pedro continuou o raciocínio: “Não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança” (1 Pedro 3:9). Considerando que os cristãos vivem por essa regra, eles não precisam esperar pelo reino de Deus. O reino está entre eles. Anteriormente na sua carta, Pedro referiu-se ao sofrimento de Cristo assim: “Pois Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente” (1 Pedro 2:23). Jesus deu o exemplo. O Senhor foi blasfemado e maltratado, porém Ele nunca revidou o mal com a mesma moeda. Em vez disso, Ele retribuiu com gentileza.

Uma das regras mais básicas da humanidade é a lei da retribuição. O Antigo Testamento expressa isso com as palavras “olho por olho” (Levítico 24:19, 20). No reino de Deus, as pessoas vivem por uma regra diferente, uma regra que diz que o mal não deve ser pago com o mal. Pedro não se referia a leis nacionais, estaduais. Ele falava ao seu público como indivíduos. “Não deixem que a vingança os devore”, dizia Pedro. O apóstolo não usou a expressão “reino de Deus”, mas falou de vida. Vida é o reino de Deus. Nenhuma pessoa terá vida se a vingança dominar os seus interesses.

Os cristãos leitores de Pedro sabiam no que consistia o sofrimento por Cristo. Eles tinham poder para se vingar de algumas coisas que haviam sofrido. Anos atrás, uma mulher texana muito rica, descobriu que o marido estava se encontrando com outra mulher. Ela o esperou do lado de fora de um hotel e, quando ele saiu, engatou o carro na marcha à ré e passou por cima dele. O marido morreu. Ela estava vingada. Que alegria ela imaginou que

a vingança lhe daria? Muitos se deitam na cama à noite nutrindo-se de injustiça. Imaginam o que vão fazer em relação às injustiças que sofreram, como vão se vingar. Mentres que vagueiam nesses desertos estão longe do reino de Deus. Alcança-se um estado mental abençoado quando se é capaz de permitir que uma palavra ofensiva, uma injúria, uma observação insípida se apague como se nunca tivesse sido dita. Vida é a recompensa de se retribuir uma injúria com uma bênção. Jesus ensina a maneira mais eficaz de nos livrarmos de um inimigo. Torne-se amigo dele.

*Em terceiro lugar, cuidado com a sua língua.* Ao escrever 1 Pedro 3:10 e 11, Pedro recorreu ao Salmo 34:12 e 13: “Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente”. Jesus disse: “Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado” (Mateus 12:36, 37). O reino de Deus excluirá os que não controlam a língua.

*Resumo.* Em meio à desgraça e dor do mundo pode haver pessoas que conhecem o caminho para a vida. Suas famílias, o respeito a elas demonstra-

do, o jeito que outros falam delas, os sorrisos que estampam no rosto – tudo isso testifica a paz e a alegria da vida. Pedro ofereceu três elementos importantes que contribuem para a vida em Cristo. São eles: 1) lembrar-se de ser gentil, 2) pagar o mal com o bem e 3) refrear a língua.

### **Expição Vicária (3:18)**

Realizar uma coisa de modo vicário é realizá-la através das experiências de outro. Uma das doutrinas cristãs mais básicas é que Jesus sofreu na cruz pelos pecados que Ele não cometeu. João disse acerca de Jesus: “Sabeis também que Ele Se manifestou para tirar os pecados, e nEle não existe pecado” (1 João 3:5). Foi porque Jesus não cometeu pecado que Ele pôde sofrer vicariamente pelos pecados que nós cometemos. Desse modo, o preço por nossos pecados foi pago. Na cruz, a ira de Deus contra o pecado, Sua demanda por justiça, foi aplacada. Embora sendo inimigos, fomos levados até a Sua presença já perdoados. Participamos desta vida dada por Jesus já no presente, e nossa esperança é que o Senhor voltará em toda a Sua glória. Daí, a plenitude das bênçãos divinas será desfrutada pelo Seu povo.

Autor: Duane Warden  
© A Verdade para Hoje, 2016  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS